

TALITA STORTI GARCIA

**OS ADVERBIAIS DE PREDICADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO:
CONTRIBUIÇÃO PARA A TEORIA DA GRAMÁTICA FUNCIONAL**



1910001500



TALITA STORTI GARCIA

**OS ADVERBIAIS DE PREDICADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO:
CONTRIBUIÇÃO PARA A TEORIA DA GRAMÁTICA FUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de concentração: Análise Lingüística).

Orientadora: Prof^ª . Dr^ª. Erolilde Goreti Pezatti

T. 1500/06



São José do Rio Preto
2006



441

G216a

15/05/2006

Doação

Autor(a)

Garcia, Talita Storti.

Os adverbais de predicado no português brasileiro falado :
contribuição para a teoria da Gramática Funcional / Talita Storti Garcia. -
São José do Rio Preto : [s.n.], 2006

126 f. ; 30 cm.

Orientador: Erotilde Goreti Pezatti

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Gramática funcional. 3. Língua portuguesa -
Português falado - Adverbiais. 4. Satélite de predicado (Gramática
funcional) 5. Português falado. I. Pezatti, Erotilde Goreti. II.
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e
Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81'1



TALITA STORTI GARCIA

**OS ADVERBIAIS DE PREDICADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO:
CONTRIBUIÇÃO PARA A TEORIA DA GRAMÁTICA FUNCIONAL**

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof.^a. Dr.^a. Erolilde Goreti Pezatti
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof.^a. Dr.^a. Sandra Denise Gasparini Bastos
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof.^a. Dr.^a. Flávia Bezerra de Menezes Hirata Vale
UFG – Universidade Federal de Goiânia

Suplentes

Prof.^a. Dr.^a. Luciani Ester Tenani
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof.^a. Dr.^a. Vânia Cristina Casseb Galvão
UFG – Universidade Federal de Goiânia



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

1998

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de carinho e apoio, dedico este trabalho.

Aos meus pais, Dulce e Moacir, fontes de
carinho e apoio, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus;

À Profª. Drª. Erotilde Goreti Pezatti, pela paciência e dedicação, que foram imprescindíveis para a realização deste trabalho;

À Profª. Drª. Luciani Ester Tenani, pela disponibilidade desprendida para a análise acústica deste estudo e por suas contribuições no exame de qualificação;

À Profª. Drª. Marize Mattos Dall’Aglío Hattnher e ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, pelas sugestões;

A todos os professores e amigos do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional, pelas contribuições durante o decorrer desta pesquisa e pela oportunidade de apresentá-la ainda em andamento.

Aos meus amigos, por compreenderem a minha ausência;

A toda minha família, pelo apoio.

A minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão, Jader, pelo amor incondicional;

Ao meu “anjinho”, Paulo, pela paciência, compreensão, apoio e pelo incentivo a continuar nos caminhos da pesquisa.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 11
-----------------	-------

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	p. 16
---	-------

1. A Teoria Funcionalista	p. 16
1.1. Modelo de interação verbal	p. 17
1.2. Estrutura hierárquica da oração.....	p. 20
1.3. Tipologia do Estado de Coisas.....	p. 27
1.4. Ordenação de constituintes.....	p. 30
1.4.1 Princípios gerais de ordenação.....	p. 31
1.4.2 Princípios específicos de ordenação.....	p. 32

CAPÍTULO 2: OS ADVERBIAIS NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA FUNCIONAL.....	p. 35
--	-------

2.1. Tipologia dos satélites.....	p. 35
2.2. Os satélites de Predicado	p. 39
2.3. Os advérbios	p. 51

CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	p. 60
--	-------

CAPÍTULO 4: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOSp. 64

4.1. Satélites de predicado	p. 64
4.1.1. Padrão de ordenação SVO	p. 66
4.1.2. Padrão de ordenação SV	p. 74
4.1.3. Padrão de ordenação VS	p. 80
4.1.4. Tipos de satélites de predicado	p. 80
4.1.4.1. Satélite Modo	p. 81
4.1.4.2. Satélite Instrumento	p. 83
4.1.4.3. Satélite Beneficiário	p. 86
4.1.4.4. Satélite Companhia	p. 88
4.1.4.5. Satélite Percurso	p. 89
4.1.4.6. Satélite Qualidade	p. 91
4.1.4.7. Satélite Causa interna	p. 92
4.1.4.8. Satélite Velocidade	p. 93
4.1.4.9. Satélite Direção	p. 94
4.1.4.10. Satélite Origem	p. 95
4.2. A propriedade Modo	p. 97

CAPÍTULO 5: ANÁLISE PROSÓDICA DOS ADVERBIAIS DE PREDICADOp. 108

CONSIDERAÇÕES FINAISp. 117

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....p. 123



LISTA DE FIGURAS, QUADROS E GRÁFICOS

Capítulo 1

Figura 1: Modelo de interação verbal (DIK, 1989, p.8).....	p. 18
Figura 2: Descrição da estrutura hierárquica da oração (DIK, 1989, p.46)	p. 20
Figura 3: Estrutura hierárquica da oração (DIK, 1989, p.50).....	p. 26

Capítulo 2

Figura 4: Tipos satélite (DIK <i>et al</i> , 1990, p.28).....	p. 36
Quadro 1: Principais diferenças entre argumentos e satélites	p. 49
Quadro 2: Esquema teórico dos principais autores.....	p. 49

Capítulo 4

Figura 5: Organização geral da GFD (MACKENZIE; GÓMEZ-GONZÁLEZ, 2004, p. 371).....	p. 103
---	--------

LISTA DE TABELAS

Capítulo 4

Tabela 1: Padrões de ordenação	p. 65
Tabela 2: Posições no padrão SVO	p. 67
Tabela 3: Funções semânticas no padrão SVO	p. 70
Tabela 4: Forma X Função semântica no padrão SVO.....	p. 71
Tabela 5: Forma X Posição no padrão SVO	p. 72
Tabela 6: Posição X Função semântica no padrão SVO.....	p. 73
Tabela 7: Posições no padrão VS	p. 74
Tabela 8: Funções semânticas no padrão SV	p. 76
Tabela 9: Forma X Função semântica no padrão SV	p. 78
Tabela 10: Forma X Posição no padrão SV	p. 78
Tabela 11: Posição X Função Semântica no padrão SV	p. 79
Tabela 12: Função semântica	p. 81

GARCIA, T. S. *Os adverbiais de predicado no português brasileiro falado: contribuição para a teoria da Gramática Funcional*. São José do Rio Preto, 2006, 126p. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

RESUMO

A presente pesquisa, utilizando o corpus mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado, propõe-se investigar, sob a perspectiva da Teoria da Gramática Funcional, proposta por Dik (1989, 1997a e b), os constituintes de predicado no português brasileiro falado, objetivando verificar seu estatuto de obrigatoriedade e opcionalidade dentro da predicação. Os resultados demonstram que grande parte desses constituintes é opcional, já que podem ser retirados da oração sem afetar a integridade do estado de coisas e, conseqüentemente, a gramaticalidade da oração; são, portanto, denominados satélites. Algumas ocorrências dos advérbios *bem* e *mal*, no entanto, mostram-se essenciais à predicação, uma vez que sua subtração pode afetar a integridade ou o valor semântico do estados de coisas; são, portanto, constituintes obrigatórios, ou seja, constituem propriedades do predicado.

PALAVRAS-CHAVE: satélite, argumento, Gramática Funcional

ABSTRACT

The present study, using the corpus minimum of Speak Portuguese Grammar Project, research above the Functional Grammar Teory, proposed by Dik (1989, 1997 a y b), the predicate constituents in spoke brasilian portuguese, which objeive is to check its status of obrigatory and optional in the predication. The results shown that the most part of this constituents is optional, because can be remove of the clause without afet the state of affair (SoA)' integrity and consequently, the clause's gramaticality; are, so, called "satellites". Some case of adverbs "well" and "bad", thoug, presente essencial at the predication, because its remotion can afet the integrity or the semantic value of SoAs; are, then, obrigatory constituents, that is, are predicate's properties.

KEY-WORDS: satellite, argument, Functional Grammar.

INTRODUÇÃO

O presente estudo visa a investigar, no português brasileiro falado, os constituintes¹ de oração tradicionalmente denominados “adjuntos adverbiais”, como expressa o termo em negrito em (1):

(1) ... eu represento **graficamente** uma comunicação,... (EF-POA-278:140)

A Gramática Tradicional define adjuntos adverbiais como “advérbios ou locuções adverbiais, que na frase, acrescentam circunstâncias a verbos, ou intensificam a idéia expressa por verbo, adjetivo ou advérbio” (KURY, 1987, p.55).

Como se vê, a função ‘adjunto adverbial’ está estritamente ligada à noção de ‘advérbio’, que, segundo Cunha e Cintra (1985), reúne, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Barbosa (1881) e Macambira (1970), por exemplo, definem advérbio simplesmente como o modificador do verbo, de um adjetivo ou de outro advérbio, acrescentando-lhes circunstâncias de tempo, modo, lugar, etc.

Ilari *et al* (1990), já de uma perspectiva lingüística, propõem esclarecer algumas noções importantes à descrição dos advérbios e caracterizar a ordenação desses constituintes na oração. Notam que a posição dos advérbios não é aleatória, pois o fato de o advérbio pertencer a uma

¹ Utilizamos, no presente trabalho, o termo “constituente” em sentido geral: aquele que constitui.

classe funcional determinada permite até certo ponto prever em que posição ele será encontrado. O trabalho de Ilari *et al* é inovador por realizar um dos primeiros estudos dos advérbios com o português falado. Além disso, os autores abordam a dimensão dos segmentos sintáticos a que o advérbio se aplica e as funções que desempenham na oração. No entanto, esse trabalho aponta para a necessidade de pesquisas mais detalhadas no que diz respeito às funções e à ordenação dos advérbios na estrutura da oração.

Neste estudo não trataremos apenas dos constituintes que se apresentam em forma adverbial, mas também dos que se manifestam como ‘locuções adverbiais’. A estreita relação entre forma e função muitas vezes desencadeia equívocos como o de usar um termo pelo outro, como se fossem sinônimos. A função ‘adjunto adverbial’, no entanto, como os próprios gramáticos admitem, pode também ser expressa por meio de locução adverbial, como mostra (2).

(2) *Doc.* algumas brincadeiras interessantes de praia?

Inf.: de praia? deixa eu ver..., agora eu estou muito sozinha lá na praia... quando a gente ia **com a TURma** lá no SESC... (DID-POA-45:252)

A Teoria da Gramática Funcional (doravante GF) denomina todos os constituintes adverbiais (os que aparecem como “advérbios” ou como “locuções adverbiais”) como “satélites”. Essa teoria propõe para a oração um modelo de estrutura subjacente em camadas. Na estrutura da oração subjacente distinguem-se quatro camadas da organização formal e semântica: a do predicado, a da predicação, a da proposição e a da ilocução. Para essa teoria, satélites diferem dos argumentos por que são constituintes opcionais que podem ser retirados sem afetar a gramaticalidade da oração (DIK, 1989, 1997). Na verdade, satélites são meios lexicais opcionais que veiculam informação adicional a uma das camadas no modelo hierárquico da oração. Assim,

podem ser subdivididos em tipos distintos que contribuem para a especificação de cada camada particular, havendo, portanto, quatro tipos de satélites: os satélites de predicado, os de predicação, os de proposição e os ilocucionários.

Os satélites de predicado ou de nível 1, nosso objeto de estudo, representam os meios lexicais que especificam propriedades adicionais do conjunto de estado de coisas² (doravante EsCo) designado por uma predicação nuclear, ou seja, a camada mais intimamente ligada ao predicado (Dik *et al*, 1990), conforme se observa em (3).

(3) *esse país::só pode crescer globalmente...* (D2-RE-05:198)

Nessa ocorrência, o satélite de predicado “globalmente” está diretamente relacionado ao predicado “crescer”, isto é, faz referência direta ao EsCo “esse país crescer”, especificando, portanto, neste caso, o modo como o crescimento é efetuado.

O critério geral para o *status* de satélite de predicado é verificar se o EsCo especificado pela predicação nuclear é de algum modo diferente com ou sem o satélite; isto é, se o satélite de predicado pode ser retirado da oração sem afetar a gramaticalidade dela. Caso a gramaticalidade da oração se altere, não será considerado um satélite, mas sim um *argumento*. Argumentos são os termos requeridos pelo predicado para formar uma predicação nuclear completa. São essenciais à integridade do EsCo designado pelo esquema de predicado. Se forem retirados, a relação designada pelo predicado não é preenchida ou satisfeita (DIK, 1989, p.89).

O primeiro objetivo deste estudo é, então, descrever, sob a perspectiva da Gramática Funcional, os constituintes de predicado em sentenças do português brasileiro falado, considerando-se que os estudos até agora efetuados não esgotam o assunto plenamente. Além

² Estado de coisas é uma entidade de segunda ordem que ocorre em algum mundo, é localizada no tempo e no espaço; pode ter certa duração; pode ser vista, ouvida ou percebida de alguma forma. (Dik, 1989)



disso, entendemos que a Teoria da Gramática Funcional apresenta um arcabouço teórico capaz de explicar plenamente e com adequação o uso desses constituintes em ocorrências reais do português brasileiro falado, uma vez que, com seu modelo de estrutura subjacente de oração em camadas, distingue muito claramente os diversos tipos de adverbiais que ocorrem nas expressões lingüísticas.

Um outro aspecto a ser investigado refere-se ao estatuto de opcionalidade/obligatoriedade de alguns advérbios. Em estudos anteriores (GARCIA, 2003), observamos casos em que a retirada do satélite parecia afetar a gramaticalidade da oração, como por exemplo na ocorrência (4), em que o constituinte “bem” parece ser fundamental para garantir a gramaticalidade da oração e a integridade do estado de coisas, diferentemente do que ocorre em (5):

- (4) ... *acho que comer **bem** está exatamente uma postura na mesa*, tranqüilo queR0 dize(r) é, é, despreocupado... (D2-POA-291:75)
- (5) *as comidas de Fortaleza nós comemos também muito **bem*** eram comidas assim... (DID-RJ-328:207)

Assim, a hipótese subjacente é a de que alguns desses adverbiais, em princípio considerados satélites, podem funcionar como constituintes obrigatórios.

Um outro objetivo a ser alcançado tem relação direta com a hipótese acima mencionada, pois, uma vez comprovada a existência de dois tipos de constituintes adverbiais na predicação nuclear, nosso interesse é verificar se essa diferença semântico-sintática se reflete na expressão lingüística atualizada, ou seja, se à diferença gramatical corresponde uma diferença prosódica.

Nosso universo de investigação é constituído pelo corpus mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), extraído do Projeto da Norma Urbana Culta (NURC),



composto pelos inquéritos EF-SP-405, EF-RJ-379, EF-RE-377, EF-SSA-46 e EF-POA-278; DID-SP-234, DID-RJ-328, DID-RE-131, DID-SSA-231 e DID-POA-45 e, ainda, D2-SP-360, D2-RJ-355, D2-RE-05, D2-SSA-98 e D2-POA-291.

Este trabalho contém cinco capítulos. O primeiro capítulo, denominado “Fundamentação Teórica”, descreve os princípios da Teoria da Gramática Funcional de Simon Dik (1989, 1997), que fundamenta nossa pesquisa.

O segundo capítulo denominado “Os adverbiais na perspectiva da Gramática Funcional” traz um quadro geral dos satélites da perspectiva teórica aqui adotada, com ênfase na descrição dos satélites de predicado, dos quais tratamos neste estudo.

O terceiro capítulo, intitulado “Procedimentos metodológicos”, apresenta os procedimentos seguidos para o levantamento de dados, o universo de pesquisa e os fatores utilizados para a análise.

O quarto capítulo descreve o comportamento dos adverbiais no português falado, distinguindo-os em dois tipos de constituintes: os satélites de predicado e a propriedade Modo.

O quinto e último capítulo, denominado “Análise prosódica dos adverbiais de predicado”, apresenta a análise dos contornos entoacionais desses constituintes e suas peculiaridades prosódicas.

As “Considerações Finais”, última parte deste estudo, retoma os principais resultados obtidos da análise, ressaltando a contribuição deste estudo para a descrição do português falado e, muito modestamente, para a Teoria da Gramática Funcional do Discurso.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. A TEORIA FUNCIONALISTA

Neste capítulo apresentamos os preceitos da Teoria da Gramática Funcional proposta por Simon Dik (1989, 1997a e b) que fundamentam a descrição do nosso objeto de pesquisa: os constituintes de predicado.

Acreditamos que esta teoria é pertinente para a realização deste trabalho por considerar a língua em situações reais de comunicação e, como trabalhamos com língua falada, buscamos uma teoria que considerasse a língua em contextos reais de comunicação.

O funcionalismo considera princípio fundamental subordinar o estudo do sistema lingüístico ao uso. Como consequência deste, deriva-se outro princípio baseado na relação entre linguagem e contexto social: a necessidade de descrever expressões verbais relativamente ao seu funcionamento em contextos sociais específicos.

No enfoque funcionalista, a pragmática representa o componente mais abrangente, estudando-se, no interior desta, a semântica e a sintaxe.

Assim, de acordo com Simon Dik (1989), a produção das expressões lingüísticas, na interação social por meio da linguagem, depende de três fatores:



- I. da intenção do falante;
- II. da sua capacidade pragmática;
- III. da antecipação que ele faz da interpretação do destinatário.

A interpretação do destinatário, por seu lado, depende:

- I. da expressão lingüística;
- II. da sua informação pragmática;
- III. de sua conjectura sobre a intenção que o falante tenha tido.

1.1. Modelo de Interação Verbal

De acordo com Dik (1989), os componentes sintáticos e semânticos encontram-se integrados a uma teoria pragmática, que, por sua vez envolve a intervenção:

- dos papéis envolvidos nos estados de coisas designados pelas predicções (funções semânticas);
- da perspectiva selecionada para apresentação dos estados de coisas na expressão lingüística (funções sintáticas);

- do estudo informacional dos constituintes dentro do contexto comunicativo em que eles ocorrem (funções pragmáticas).

Dik (1989) propõe um modelo de interação verbal, representado na figura a seguir, com o objetivo de equacionar o papel da expressão lingüística na comunicação.

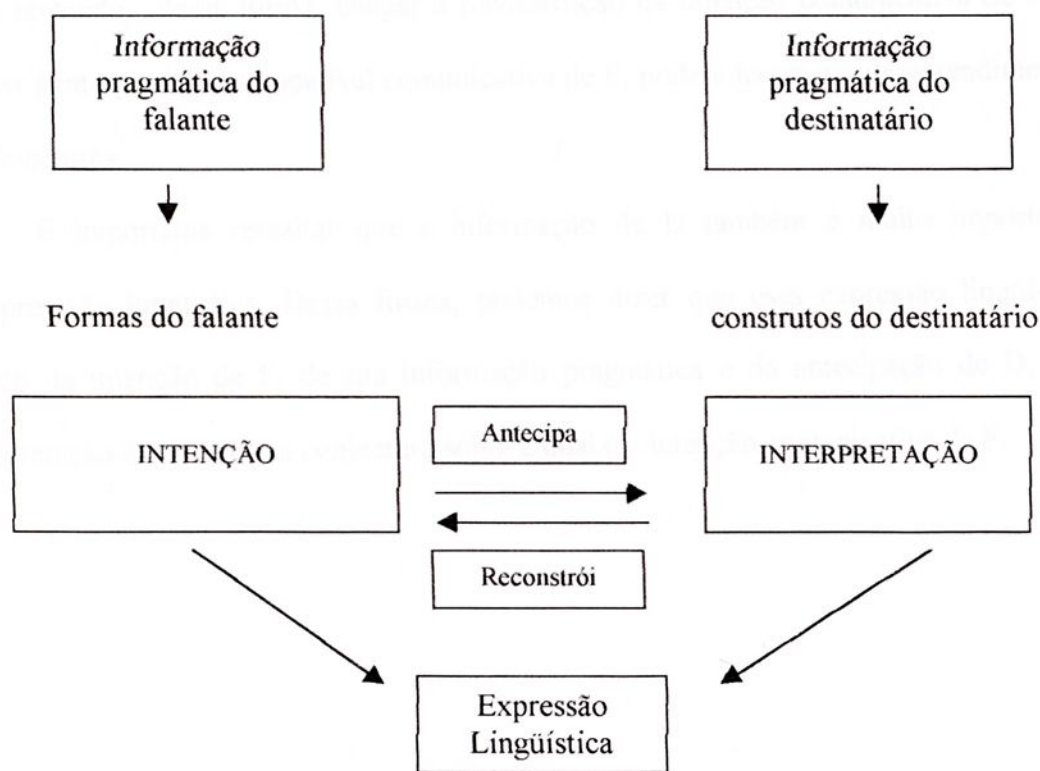


Figura 1: modelo de interação Verbal (DIK, 1989, p.8)

Nesse modelo, o Falante (F) e o Destinatário (D) dispõem de uma grande quantidade de informação pragmática (P). Ao dizer algo para D, a intenção de F é obter algum tipo de modificação em P(D). Para isso, F deve ter algum tipo de intenção comunicativa, um tipo de

plano mental relacionada à modificação que deseja causar em $P(D)$. O problema de F é formular sua intenção de modo que tenha uma chance razoável de conseguir a modificação desejada em $P(D)$. Assim, F deve então tentar antecipar a interpretação que provavelmente D deve atribuir a sua expressão linguística, dado o atual estado de $P(D)$. Essa antecipação requer que F tenha um quadro razoável das partes relevantes de $P(D)$, ou seja, uma avaliação de $P(D)$ é parte de $P(F)$. D , por outro lado, interpreta a expressão linguística de F por meio de sua $P(D)$ e de sua avaliação de $P(F)$, tentando, dessa forma, chegar à reconstrução da intenção comunicativa de F . Se D não chegar à interpretação compatível comunicativa de F , poderá haver um desentendimento entre os interlocutores.

É importante ressaltar que a informação de D também é muito importante para a interpretação linguística. Dessa forma, podemos dizer que essa expressão linguística é uma função da intenção de F , de sua informação pragmática e da antecipação de D , enquanto a interpretação de D e de sua conjectura sobre a qual é a intenção comunicativa de F .



1.2. Estrutura hierárquica da oração

De acordo com a Teoria da Gramática Funcional, toda oração deve ser descrita em termos de uma estrutura abstrata, que será apresentada na forma real de uma expressão lingüística por meio de um sistema de regras de expressão, que determinam a forma, a ordem e o padrão de entonação dos constituintes da estrutura subjacente, como mostra o esquema a seguir:

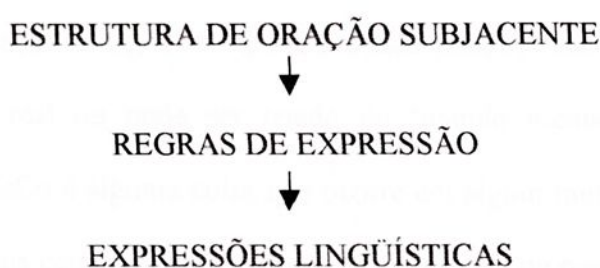


Figura 2: Descrição da estrutura hierárquica da oração. (DIK, 1989, p.46)

A estrutura da oração subjacente é uma estrutura abstrata complexa em que muitos níveis ou camadas da organização formal e semântica devem ser distinguidos.

ORAÇÃO → atos de fala
 PROPOSIÇÃO → fato possível
 PREDICAÇÃO → estados de coisas
 PREDICADO → propriedade/relação
 TERMOS → entidade

A construção de uma estrutura subjacente primeiramente requer um *predicado* que deve ser aplicado a um número apropriado de *termos*. *Predicados* designam propriedades ou relações, enquanto *termos* são usados para se referir a entidades. Veja o exemplo (1):



(1) dar (João) (o livro) (ao livreiro)

o predicado (dar) designa uma relação de três-lugares entre três entidades nos papéis de “doador”, “alguma coisa dada” e “recebedor”, e assim são necessariamente aplicados três termos (*João, o livro e o livreiro*). Os termos podem receber funções sintáticas de *Sujeito e Objeto*.

Quando um predicado é aplicado a um conjunto apropriado de termos, o resultado é uma predicação. A predicação designa estados de coisas (EsCo). EsCo indica “que alguma coisa acontece no mundo real ou pode ser criado no ‘mundo mental’ do E (emissor) e do D (destinatário)”. Um EsCo é alguma coisa que ocorre em algum mundo, é localizado no tempo e no espaço; pode ter uma certa duração; pode ser visto, ouvido ou percebido de alguma forma.

A estrutura representada em (1) pode ser expandida, conforme se observa em (2):

(2) Perf [[dar (João) (o livro) (ao livreiro)] *lentamente*]

Um elemento tal como *Perf* (Perfectivo) em (2) representa um *meio gramatical* para indicar um EsCo já acabado em relação ao momento da fala (t_0). Esse elemento é denominado *operador de predicação*. Um constituinte tal como *lentamente* indica o modo pelo qual a Ação expressa no EsCo acontece. Esse constituinte internamente tem uma estrutura de termo. Os termos que são requeridos pela semântica do predicado, como (João), (o livro) e (ao livreiro), são denominados *argumentos* do predicado; os termos que fornecem outras informações, tais como *lentamente*, são chamados de *satélites*.

Sendo assim, *operadores* são usados para apreender as modificações e modulações que são obtidas por *meios gramaticais*. Já os *satélites* são usados para apreender as modificações e modulações obtidas por *meios lexicais*.

Operadores de nível 1, segundo Dik (1997a), apreendem os meios gramaticais pelos quais características adicionais da natureza ou da qualidade do EsCo são especificadas. Apresentam as seguintes características: (i) não são expressos por meios lexicais, mas sim gramaticais; (ii) fornecem qualificação adicional ao EsCo; (iii) não alteram o *status* categorial ou a valência da predicação nuclear aos quais eles se aplicam e (iv) são partes do sistema flexional e não derivacional da língua.

A *predicação central*, vista em (2), constitui-se pelo acréscimo à *predicação nuclear* de um operador de aspecto perfectivo (Perf) e um satélite de nível 1 ($\sigma 1$), objeto de estudo da presente pesquisa, como *lentamente*.

A predicação central pode ser expandida por operadores ($\pi 2$) e satélites de nível 2 ($\sigma 2$), e assim formar a *predicação estendida*, uma entidade de segunda ordem referente a um EsCo situado no espaço e no tempo concretos ou conceituais. A predicação central (2) pode ser expandida com o operador de tempo *Pass* e com um satélite *Lugar na biblioteca*, como podemos observar em (3):

(3) [Pass [Perf. [[dar (João) (o livro) (ao livreiro) (lentamente)]] (na biblioteca)]

Um elemento tal como *Pass* representa o meio gramatical utilizado para localizar o EsCo em um intervalo de tempo que precede o momento da fala (to), enquanto o satélite *Lugar na biblioteca* especifica o lugar em que um certo EsCo ocorre. Como o satélite *Lugar* escopa todo

o predicado nuclear e a informação adicional expressa pelo satélite Modo, sua inclusão cria uma *predicação estendida*.

Consideremos, agora, a seguinte forma de expressão lingüística:

(4) Pedro viu que João deu o livro ao livreiro lentamente na biblioteca.

Em (4), podemos notar que a predicação “João deu o livro ao livreiro lentamente na biblioteca” constitui o EsCo conhecido por Pedro, assim representado em (5):

(5) Pass [ver (Pedro) (e_i)]

e_i = [Pass [perf [[dar ((João) (o livro) (ao livreiro))] (lentamente))] (na biblioteca)]

Nessa estrutura, e_i representa o EsCo que Pedro viu. Assim, toda predicação apresentada em (3) aparece agora como especificação deste EsCo, isto é, como segundo argumento de ver, sendo (*Pedro*) o primeiro argumento. A predicação inteira que designa o EsCo “Pedro viu que João deu o livro ao livreiro lentamente na biblioteca” está localizada no intervalo de tempo que precede t_0 pelo operador de predicação *Pass*. Vemos que predicações podem ser encaixadas na posição de predicados mais altos. Tais predicações são chamadas *predicações encaixadas* e a predicação mais alta, predicação matriz.

Se tomarmos uma expressão lingüística como

(6) Pedro acreditou que João deu o livro ao livreiro na biblioteca.

notamos que, embora a predicação encaixada em (6) tenha a mesma forma da de (4), seu estatuto semântico é diferente, pois as coisas em que se pode acreditar não são EsCo, mas sim

proposições, conteúdos proposicionais ou fatos possíveis. Assim, a predicação, que designa um EsCo, pode ser constituída dentro de uma estrutura de ordem mais alta do que a predicação, que designa um conteúdo proposicional, um fato possível. Considerando o fato possível por X_i , temos a seguinte representação:

(7) Pass [acreditar (Pedro) (X_i)]

X_i = [Pass [perf. [[dar ((João) (o livro) (ao livreiro))] (lentamente))] (na biblioteca)]

Podemos dizer que *acreditar* toma uma proposição e não uma predicação como segundo argumento: X_i representa uma proposição encaixada.

Neste sentido, a estrutura representada em (3) é o *input* para a formação da proposição, isto é, de um fato possível, uma entidade de terceira ordem, que pode ser avaliada em termos de seu valor de verdade e, opcionalmente, ser expandida por operadores proposicionais (π 3) e por satélites de nível mais alto (σ 3), tais como os atitudinais e os que especificam o grau de comprometimento do falante com o valor de verdade da proposição. Assim, a predicação em (3) pode ser expandida por um satélite como *felizmente*, que expressa uma avaliação do conteúdo proposicional por F, podendo ser parafraseado por *Eu acredito ser bom João dar o livro ao livreiro na biblioteca*. Assim, (3) pode ser expandida como em (8):

(8) [[Pass [Perf [[dar (João) (o livro) (ao livreiro))] (lentamente))] (na biblioteca)] (felizmente)]

Se um falante produz uma expressão, ele tem de selecionar uma força ilocucionária básica para essa proposição, formando assim uma entidade de quarta ordem. A ilocução constitui uma instrução de F para D efetuar certas mudanças em sua informação pragmática. A força ilocucionária de uma expressão lingüística é efetuada por meio de operadores ilocucionários (π 4)

e por satélites (σ4). Aplicando-se o operador ilocucionário DECL e o satélite de ilocução *honestamente* em (8), teremos a seguinte estrutura de oração subjacente:

(9) DECL [[[Pass [Perf [[dar (João) (o livro) (ao livreiro)] (lentamente)] (na biblioteca)] (felizmente)] (honestamente)]

Deste modo, então, temos uma análise em camadas de estruturas de oração subjacentes, em que diferentes níveis podem ser distinguidos:

- (10)
- Nível 4: atos de fala
 - Nível 3: proposição
 - Nível 2: predicação
 - Nível 1: predicados e termos

Esta estrutura de multi níveis corresponde às diferentes ordens de entidades. Assim, conforme Dik (1989), Lyons (1977) distingue “entidades de primeira ordem” (termos); “entidades de segunda ordem” (EsCo, designado por predicação); “entidades de terceira ordem” (fatos possíveis, proposições). Dik (1989) adiciona “entidades de quarta ordem” (atos de fala, indicado pela estrutura de oração completa).

Os níveis mais baixos em (10), o nível 1 e o 2, podem assim ser vistos como constituindo o *nível representacional* da expressão que trata da descrição de um EsCo obtido em algum mundo real ou imaginário ao qual o falante quer se referir. Os níveis mais alto em (10), o nível 3 e o 4, podem ser vistos como representando o *nível interpessoal*, o qual trata do modo como o falante apresenta a informação, concernente à situação referida, ao ouvinte.

A estrutura hierárquica da oração em camadas, com seus diferentes níveis de organização e suas respectivas variáveis, pode ser visualizada em (11):

(11) unidade estrutural	tipo de entidade	ordem	variável
oração	ato de fala	4	$E_i, E_i, \dots$
proposição	fato possível	3	$X_i, X_i, \dots$
predicação	estados de coisas	2	$e_i, e_i, \dots$
termo	entidade	1	$x_i, x_i, \dots$
predicado	propriedade/relação		$f_i, f_i, \dots$

Figura 3: Estrutura hierárquica da oração (DIK, 1989, p.50)

Estudos recentes sobre esse tipo de constituinte apresentam ainda um outro tipo de satélite, o satélite de nível 5, que, como aponta Hengeveld (1997) em *Adverbs in Functional Grammar*, estão ligados à estrutura textual/discursiva e assim “apreendem meios lexicais por meio dos quais o falante localiza seu ato de fala no contexto do discurso”, tais como exemplificam as ocorrências a seguir:

(12) *Finalmente*, eu não vejo nenhuma razão para continuar como está.

(13) *Resumidamente*, eu não vejo nenhuma razão para continuar como está.

Na primeira ocorrência, o último argumento é apresentado em uma série. Já na segunda ocorrência, uma série de argumentos é sumarizada. Os advérbios envolvidos podem ser interpretados somente em termos de um trecho discursivo, dentro dos quais eles situam o discurso que modificam. As partes relevantes dessas sentenças podem ser representadas em (14) a seguir:

(14) $(E_1: [\dots]) (E_1)$: advérbio (E_1)

Os diferentes níveis de satélites podem ainda ser representados da seguinte forma, em (15), conforme esquematiza Hengeveld (1997):

$$(15) \ E_1: [(F_1: \text{ILL}(F_1): \sigma_4(F_1)) (S)(A)(X_1: [\text{-----}] (X_1): \sigma_3(X_1))] (E_1): \sigma_5(E_1))$$

$$(e: [(f_1: \text{pred}\beta(f_1): \sigma_1(f_1)) (x_1) \dots (x_n)] (e_1): \sigma_2(e_1))$$

O esquema (15) mostra que os satélites de proposição (σ_3) e de ato de fala (σ_4) pertencem às camadas mais distantes do predicado: a camada da proposição e atos de fala respectivamente, que fazem parte do Nível Interpessoal, que está representado na parte superior do esquema. Já os satélites de predicado (σ_1) e de predicação (σ_2) pertencem às camadas mais intimamente relacionadas ao predicado, que são, respectivamente, as camadas do predicado e da predicação, representadas na parte inferior do esquema, que abrange o Nível Representacional.

Salientamos que, neste trabalho, tratamos somente dos satélites de predicado, que se referem ao Nível Representacional.

1.3. Tipologia do Estado de Coisas

Como já mencionado na seção anterior, as predicações nucleares consistem de termos, que designam entidades do mundo, e de predicados, que designam propriedades de ou relações entre tais entidades. A predicação nuclear como um todo designa um conjunto de estado de coisas

(EsCo), que é uma entidade conceptual, podendo ser de diferentes tipos, considerando-se a classificação semântica.

A natureza semântica de toda uma predicação pode ser co-determinada pela natureza de seus elementos e satélites com os quais o predicado combina. O EsCo é então uma função composicional de propriedades tanto de predicados quanto de termos. Os EsCos podem ser divididos em diferentes tipos, de acordo com os valores que eles têm com relação a um número de parâmetros semânticos (cf. Dik, 1989, p.89). Esses parâmetros e valores juntos definem a classificação semântica do EsCo; esta classificação é relevante tanto para as propriedades semânticas quanto sintáticas das expressões envolvidas. Tal divisão é caracterizada de acordo com os parâmetros *dinamismo* (movimento) e *controle*.

1) Dinamismo

Um EsCo [-din] ou Situação é aquele que não envolve qualquer mudança, isto é, as entidades envolvidas são apresentadas como estando ou permanecendo as mesmas durante o tempo em que dura o EsCo.

Um EsCo [+din] ou Evento é aquele que envolve necessariamente algum tipo de mudança, algum tipo de dinamismo interno. Podem ser várias tendências de mudança na duração de EsCo ou uma mudança em que há um EsCo inicial e um EsCo final, diferente do inicial.

a) João estava sentado na cadeira do seu pai. [-din]

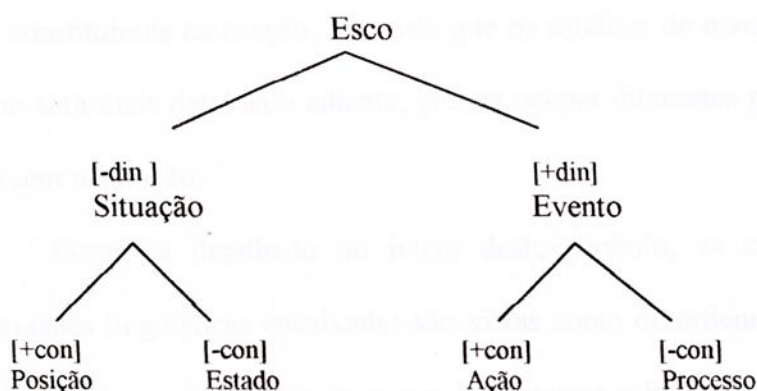
b) João abriu a porta. [+din]

2) Controle

Um EsCo é [+con] se o primeiro argumento tem o poder de determinar a realização ou a não-realização do EsCo. O primeiro argumento é o controlador do EsCo.

- a) João abriu a porta. [+con]
- b) A árvore caiu. [-con]

O esquema a seguir ilustra os tipos de Esco pertinentes para o estudo aqui em pauta:



Desse modo Posição constitui um EsCo não-dinâmico e controlado; Estado constitui um EsCo não-dinâmico e não-controlado; Ação constitui um EsCo dinâmico e controlado; Processo constitui um EsCo dinâmico e não-controlado.

No presente estudo nos restringimos aos aspectos: Controle e Dinamismo. Alguns satélites de predicado são sensíveis ao caráter mais ou menos controlado [+/- con] do EsCo que eles modificam; certos satélites combinam apenas com tipos específicos de EsCo, como por exemplo, Beneficiário e Instrumento, que requerem EsCos com traço [+con].

1.4. Ordenação de constituintes

Um aspecto da Teoria Funcionalista importante para este trabalho é o da ordenação linear dos constituintes na oração, uma vez que os satélites de nível 1 no português brasileiro falado, como será mais detalhado adiante, podem ocupar diferentes posições a depender da função que exercem na oração.

Como já detalhado no início deste capítulo, as estruturas oracionais abstratas das expressões lingüísticas encaixadas são vistas como desordenadas no sentido de que a ordem na qual os vários constituintes aparecem na estrutura subjacente não é diretamente relevante para a ordenação linear na qual eles finalmente aparecem nas expressões lingüísticas.

Estruturas oracionais subjacentes são consideradas estruturas relacionais (“net-works”), nas quais o *status* relacional dos constituintes é codificado em seus rótulos funcionais, enquanto escopos diferentes são codificados por meio da categorização. Há também que considerar a estrutura interna dos termos. Uma estrutura de termo tem uma certa ordenação, mas essa ordenação expressa relações semânticas e não necessariamente correlação com a ordem linear da superfície, conforme Dik (1989, p.333).



Dessa forma, para chegar às expressões linguísticas, precisa-se de regras que assegurem as posições dos constituintes da estrutura subjacente na sequência linear em que eles ocorrem. Essas regras são denominadas *regras de colocação* (*placement rules*).

As regras de colocação obedecem a certos princípios que foram sistematizados por Dik (1989). Os “Princípios de ordenação de constituintes”, apresentados na Gramática Funcional, procuram abarcar tanto quanto possível os padrões de ordenação encontrados nas línguas naturais. Esses princípios são divididos em gerais e específicos. A idéia é que os princípios gerais são refletidos nos específicos, e os princípios específicos refletem os padrões de ordenação gerais das línguas específicas.

Os Princípios Gerais de Ordenação são os que seguem:

- I. Princípio da ordenação icônica: a ordem reflete iconicamente o conteúdo semântico da expressão em que ocorre;
- II. Princípio da ordenação linear: a ordem linear entre os constituintes dependentes é fixa, não importando a posição que eles ocupam com relação ao núcleo;
- III. Princípio da orientação centrípeta: a ordem é determinada pela distância relativa dos constituintes em relação ao núcleo, o que pode levar à ordem “imagem em espelho” ao redor do núcleo;
- IV. Princípio da integridade do domínio: os constituintes preferem permanecer dentro de seu próprio domínio. Os domínios preferem não ser interrompidos por constituintes de outros domínios;
- V. Princípio da proximidade do núcleo: os constituintes nucleares de diferentes domínios preferem ficar juntos tanto quanto possível;

- VI. Princípio da estabilidade funcional: constituintes com a mesma especificação funcional são preferencialmente colocados na mesma posição;
- VII. Princípio da relevância pragmática: constituintes com função pragmática especial são preferencialmente colocados em “posições especiais”, geralmente a posição inicial da oração;
- VIII. Princípio da harmonia entre domínios: cada língua tem um certo grau de consistência no uso de antecipação ou posposição ao longo dos diferentes domínios da ordenação;
- IX. Princípio de complexidade crescente: há uma preferência pela colocação de constituintes de acordo com a ordem de complexidade crescente.

Os Princípios Específicos de Ordenação são os que seguem:

- I. Uma língua faz uma escolha básica entre ordenação anteposta ou posposta, dependendo da proximidade do núcleo;
- II. A posição de sujeito precede a posição de objeto, sendo que, neste princípio, definem-se os padrões básicos para línguas antepostas (S O V: *man tree cut*) e pospostas (V S O: *cut man tree*);
- III. Relatores têm suas posições antepostas: entre dois relatos e na periferia de um relato com o qual eles formam um constituinte (se eles formarem);
- IV. Há uma posição inicial relevante (P1), usada para propósitos especiais, incluindo a colocação dos constituintes com função pragmática Tópico ou Foco;
- V. Como o sujeito é o primeiro candidato a ser tópico dado, ele será colocado na P1, o que faz com que haja uma reinterpretação da P1 como uma posição não-marcada;

- VI. A anteposição é universalmente menos hospitaleira aos materiais complexos do que a posposição;
- VII. Constituintes preferem ser colocados em ordem de complexidade crescente, onde a complexidade dos constituintes é definida como segue:
- (i) clítico < pronome < sintagma nominal < sintagma adposicional < oração subordinada;
 - (ii) para qualquer categoria: $X:X < X \text{ co } X$;
 - (iii) para qualquer categoria X e Y: $X < X [\text{sub } Y]$;
- VIII. Os operadores (π) preferem se expressar :
- (i) na contraposição;
 - (ii) na segunda posição da oração.
- IX. Os operadores (π) preferem orientação centrípeta de acordo com o esquema:
- $$\pi_4 \pi_3 \pi_2 \pi_1 [\text{origem}] \pi_1 \pi_2 \pi_3 \pi_4.$$
- X. Operadores de termos preferem a anteposição;
- XI. Demonstrativos, numerais e adjetivos preferem a orientação centrípeta de acordo com o esquema: Dem. Num. Adj. N Adj. Num. Dem;
- XII. Construções relativas preferem a posposição.

Dik não descarta a possibilidade de existirem contra-exemplos reais ou aparentes para alguns princípios. Menciona também que certos fenômenos de ordenação de constituintes não podem ser explicados por esses princípios e que muitas complicações podem surgir como consequência da interação entre princípios em competição.

Para o presente trabalho alguns princípios gerais e específicos de ordenação são de fundamental importância para explicar a ordem dos satélites de predicado, conforme apresenta o Capítulo 4. Dentre os princípios gerais, os que norteiam as posições desses constituintes são: I (Princípio da ordenação icônica), VII (Princípio da relevância pragmática) e IX (Princípio de complexidade crescente). Já dentre os específicos, os princípios mais importantes com relação à ordem são: IX (Há uma posição relevante (P1) usada para propósitos especiais, incluindo a colocação dos constituintes com função pragmática Tópico ou Foco) e VII (Constituintes preferem ser colocados em ordem crescente). Nota-se, no entanto, que os princípios gerais e específicos apontados apresentam propósitos parecidos.

No Capítulo 2 a seguir abordaremos a tipologia dos satélites, com atenção especial aos satélites de predicado e sua literatura.

CAPÍTULO 2

OS ADVERBIAIS NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA FUNCIONAL

Como já mencionado, na GF, “a oração deve ser descrita em termos de uma estrutura abstrata subjacente que é semântica e pragmaticamente baseada em estruturas universalmente aplicáveis” (HENGEVELD, 1997 p. 123). Assim, uma vez totalmente especificadas, as estruturas subjacentes são traduzidas em expressões linguísticas reais por meio da aplicação de um conjunto de regras de expressão específico de cada língua.

Consoante Hengeveld (1990), como já descrito no Capítulo 1, para cada camada existem categorias particulares de operadores e satélites que servem para fornecer informações gramaticais e lexicais adicionais sobre suas respectivas camadas, o conteúdo principal do que é fornecido pelas estruturas mais internas que funcionam como seus primeiros restritores.

Passaremos a seguir à descrição geral dos satélites que se aplicam a cada camada para, então, descrevermos os satélites de nível 1 ou de predicado que é nosso objeto de estudo.

2.1. Tipologia dos satélites

No modelo padrão da Teoria da Gramática Funcional (cf. DIK, 1989, 1997a), *satélites* são meios lexicais opcionais que carregam informação adicional a uma das camadas no modelo



hierárquico da oração. São *opcionais* visto que eles podem ser retirados sem afetar a gramaticalidade da sentença. *Lexicais* porque se opõem a categorias gramaticais tais como tempo, modo e aspecto. Transmitem informação adicional, visto que a informação principal pertencente a uma camada particular está contida na estrutura nuclear à qual o satélite é acrescentado.

Assim, os satélites podem ser subdivididos em tipos distintos que contribuem para a especificação de uma camada particular.

No quadro seguinte essas unidades estão listadas juntamente com seus tipos de satélites correspondentes.

Camada	Tipo de Satélite
Predicado	Satélites de predicado (σ_1)
Predicação	Satélites de predicação (σ_2)
Proposição	Satélites de proposição (σ_3)
Elocução	Satélites ilocucionários (σ_4)

Figura 4: Tipos de satélite (DIK *et al*, 1990, p.28)

Os quatro tipos de satélites apresentados pelo quadro anterior dão informação suplementar opcional pertencente a características adicionais do EsCo (σ_1), à localização do EsCo (σ_2), à atitude do falante ou avaliação frente ao conteúdo proposicional (σ_3), e ao caráter do ato de fala (σ_4).

Dadas as funções das diferentes camadas, esses quatro tipos de satélite podem ser definidos de acordo com Dik *et al* (1990):

- (i) **Satélites de predicado:** apreendem os meios lexicais que especificam propriedades adicionais do conjunto de EsCo designado por uma predicação nuclear;

- (ii) **Satélites de predicação:** apreendem os meios lexicais que localizam o EsCo designado por uma predicação em um mundo real ou imaginário e assim restringe o conjunto de referentes potenciais da predicação às situações externas que o falante tem em mente;
- (iii) **Satélites de proposição:** apreendem os meios lexicais pelos quais o falante especifica sua atitude para com a proposição que ele coloca sob consideração;
- (iv) **Satélites ilocucionários:** apreendem os meios lexicais por meio dos quais o falante modifica a força da ilocução básica de uma expressão lingüística de modo a torná-la própria de sua estratégia comunicativa.

Com uma primeira ilustração, considere a seguinte série de exemplos:

(1) *Mary danced beautifully* (σ_1)
 Maria dançou **maravilhosamente**.

(2) *Mary danced beautifully yesterday* (σ_2)
 Maria dançou maravilhosamente **ontem**

(3) *Mary probably danced beautifully yesterday* (σ_3)
 Maria **provavelmente** dançou maravilhosamente ontem.

(4) *Frankly, propably danced beautifully yesterday* (σ_4)
Francamente, Maria provavelmente dançou maravilhosamente ontem.

Em (1) o advérbio *maravilhosamente* especifica uma propriedade adicional da dança de Maria. A adição do advérbio nos dá uma margem mais específica do modo como Maria dança. Em (2) o advérbio *ontem* não nos dá uma imagem mais específica da dança de Maria, mas antes dá uma informação adicional sobre a ocorrência ou o quadro do evento da dança. Em (3) o advérbio *provavelmente* indica a atitude do falante frente à informação que ele está apresentado. Em (4) o advérbio *francamente* comenta sobre a realização do ato de fala.

Em resumo, de acordo com Dik (1989, 1997a), as funções básicas dos quatro tipos de satélites podem ser formuladas como segue:

- σ_1 : propriedades adicionais do EsCo
- σ_2 : cenário do EsCo
- σ_3 : validade do conteúdo proposicional
- σ_4 : estratégia comunicativa do falante

2.2 Os satélites de predicado

O satélite de nível 1 ou de predicado é definido por Dik *et al* (1990) como “representação dos meios pelos quais características adicionais de EsCo como definidos pela predicação nuclear podem ser especificadas”. Para Hengeveld (1997), os satélites de predicado “especificam propriedades adicionais da estrutura interna de um EsCo”.

Pode-se dizer assim que os satélites de predicado modificam a propriedade ou relação expressa por um predicado; o resultado é uma propriedade ou relação complexa. Os satélites de nível 1 afetam a constituição interna de um EsCo.

De acordo com Dik *et al* (1990), os satélites de predicado são classificados de acordo com três quadros¹: (i) Participantes Adicionais, (ii) Meios e Maneiras e (iii) Orientação Espacial. As funções semânticas pertencentes a cada quadro são as seguintes:

- (i) **Participantes Adicionais:** Beneficiário, Companhia, Instrumento e Causa interna.
- (ii) **Meios e Maneiras:** Modo, Velocidade e Qualidade.
- (iii) **Orientação Espacial:** Origem, Direção e Percurso.

Uma classificação posterior dos satélites, elaborada por Dik (1997a), apresenta algumas alterações das funções semânticas e seus respectivos quadros: (i) exclui-se a função semântica de Causa interna e (ii) alteram-se as funções semânticas dos quadros de Participantes Adicionais e Meios e Maneiras, sendo classificados como segue:

¹“Quadros” indicam grupos de satélites de nível 1 relacionados de acordo com as funções semânticas.



- (i) **Participantes Adicionais:** Beneficiário e Companhia
- (ii) **Meios e Maneiras:** Instrumento, Modo, Velocidade e Qualidade.
- (iii) **Orientação Espacial:** Origem, Direção e Percurso.

Para este trabalho adotamos a classificação de Dik *et al* (1990), pois encontramos, em nossos dados, ocorrências de Causa interna, que é descartada da classificação de Dik (1997). Cada quadro está apresentado a seguir com suas respectivas funções semânticas, as quais estão exemplificadas com ocorrências detectadas no corpus do português brasileiro:

➤ (i) Participantes adicionais

- **Beneficiário (B):** é a pessoa ou instituição em benefício de quem ou contra o interesse de quem o EsCo é efetuado:

- (5) ...nós íamos encontrar marcas aqui de que flechas reais foram atiradas ... **contra a imagem**... então esta seria uma das razões... a Segunda razão seria o fato de que.... (EF-SP-405:239)

- **Companhia (C):** especifica uma entidade junto à qual o EsCo é efetuado:

(6) ... eu tenho ido toda terças-feiras no programa que aparece no sábado... então é um grupo que estão fazendo uma promoção do Laranjal então eu vou **com eles** é inCRível o que acontece lá... (DID-SP-234:190)

- **Instrumento (I):** especifica a ferramenta com a qual alguma Ação é executada ou uma Posição é mantida. Assim, esse satélite requer um EsCo [+controlado] na predicação nuclear.

(7) bom... ao tesoureiro compete evidentemente... toda a situação financeira(...)... e fazer um levantamento contábil inclusive da situação **através de um script...**
(DID-RE-131:126)

- **Causa interna (U):** especifica a entidade apresentada como causando um Processo; por exemplo:

(8) então a arte surge **em função de uma necessidade de auto-expressão...nem em função de uma necessidade de embelezar o ambiente que eu vivo....** deveria ser uma necessidade estética de ver coisas bonitas.... mas unicamente em função de eu assegurar a caça... e continuar podendo comer e me manter vivo... então vejamos... (EF-POA-405:175)

➤ (ii) Meios e Maneiras:

- **Modo (M):** indica a maneira pela qual uma Ação é executada, uma Posição é mantida, ou pela qual um Processo ocorre, como se observa em:

(8) Não, acho que não existe mais [o exame de admissão], o estudante passa **automaticamente**; passando nas matérias que estuda... (DID-SSA-231:854)

- **Velocidade (V):** indica a quantidade de Ação/Processo ocorrida por unidade de tempo.

(10) quer dizer eu tive pouco tempo eu estudei acho que uns três anos balê três ou quatro... e não tive assim apresentação em teatros nem nada... depois eu larguei mas nessa vez que o Balê Russo veio para cá que nós fomos fazer fundo com eles para eles... eu achei aquilo me chocou ... sei lá eu achei... por detrás dos bastidores uma coisa medonha uma baGUNça treMENDa... aquelas cenas que eles mudam **rapidamente** quer dizer é um assunto de a gente trabalhar né? ... e atrapalhar também... (DID-SP-234:285)

- **Qualidade (Q):** designa o papel/função/autoridade em virtude da qual uma Ação é executada, ou uma Posição mantida; eles requerem EsCo [+controlado]:

(11) Doc. olhe o senhor poderia falar já que trabalha no Sindicato dos... Comerciários **na: qualidade de: dentista...** o senhor poderia falar quais os serviços que o Sindicato presta... aos seus:...

L1 segurados

(DID-RE-131:1-2)



➤ (iii) **Orientação Espacial:**

- **Origem (O):** designa o ponto de origem de um movimento.

(12) ... o que acontece é o seguinte hoje em dia...prá você ir por...nós vamos por exemplo todo do a Camaçari...já é hoje em dia uma viagem...é assunto mesmo de:...de:... praticamente a gente não sair da cidade mas...viaja que não é brinquedo hoje mesmo eu fiz uma viagem **daqui** prá Camaçari ...que parecia que eu tinha ido quase a:...Feira de SanTana...devido ao/ à incidência de tráfego que existe...devido exatamente ha: às interrupções que existem na cidade...de buracos escavações...de:...enfim de interrupÇÕES de toda ordem... (D2-SSA-98:4)

- **Direção (D):** designa o ponto terminal de um movimento.

(13) ...o que acontece é o seguinte hoje em dia...prá você ir por...nós vamos por exemplo todo do a Camaçari...já é hoje em dia uma viagem...é assunto mesmo de:...de:... praticamente a gente nao sair da cidade mas...viaja que nao é brinquedo hoje mesmo eu fiz uma viagem **daqui prá Camaçari** ...que parecia que eu tinha ido quase a:...Feira de SanTana...devido ao/ à incidência de tráfego que existe...devido exatamente ha: às interrupções que existem na cidade...de buracos escavações...de:...enfim de interrupÇÕES de toda ordem... (D2-SSA-98:4)

- **Percurso (P):** designa o trajeto, o caminho de um movimento.

(14) ... qual é o pior...horário...dessa saída da cidade...de manha?
 L1 bom...o pior horário...de saída...da cidade de manha...
 L2 fica mais ou menos entre SEis e oito horas né?
 L1 nao de seis ainda sai bem...mas entre sete...até umas:oito e meia...é a pior...hora de saída...primeiro porque você pega o congestionamento na área urbana ainda...desde a Barra Centenário essa área de colégios etc...e **daí prá frente** você vai pegando...a:...a Barros Reis um pedaço da Barros Reis hoje Heitor Dias né?...e: há muita ()

(D2-SSA-98:12)

Na verdade há uma discussão sobre o estatuto dos satélites. Dik (1989, p.73) afirma que:

“argumentos são os termos que são requeridos pelo predicado para formar uma predicação nuclear completa. Eles são essenciais à integridade do EsCo designado pelo esquema de predicado. Se forem retirados da oração, a propriedade/relação designada pelo predicado não é preenchida ou satisfatória. Já os satélites, não são requeridos pelo predicado, eles oferecem informação adicional pertencentes às características do EsCo (no caso dos satélites de nível 1), à localização do EsCo (no caso dos satélites de nível 2), à atitude do falante ou à sua avaliação sobre o conteúdo proposicional (no caso dos satélites de nível 3) ou à característica do ato de fala (no caso dos satélites de nível 4)”.

Apesar disso, a distinção entre satélites e argumentos muitas vezes não é tão fácil quanto parece, principalmente quanto à distinção entre argumentos e satélites de nível 1. Este problema foi ressaltado pelo próprio Dik ao afirmar que isso se agrava quando argumento e satélite de predicado nos revela algo sobre as propriedades internas do EsCo designado pela predicação nuclear.

Anstey (2002) postula que a diferença entre argumentos e satélites se resume a uma associação convencional de números e tipos particulares de argumentos com predicados particulares. Ele afirma que uma classe de palavra contribui para o conteúdo de uma denotação no contexto de uma enunciação. Essa é tipicamente uma entidade de ordem zero ou de primeira ordem. O autor chama a atenção, contudo, para um problema notacional. Segundo ele, na GF sugere-se que a referência a uma entidade de primeira ordem é conseguida pelo falante ao fazer referência a uma entidade geral de primeira ordem “x” da qual uma propriedade nominal é predicada. Assim, em referência a um *cachorro* (*dog*), o falante se refere a uma entidade de primeira ordem “x” e predica a propriedade “canina” (*doggniness*) dessa entidade. Vejamos o exemplo a seguir, apresentado por Anstey (2002, p.11) em que o sujeito é entendido com referência a uma entidade de primeira ordem:



(15) *Linus is shy.*

Pres e:[f:shy (**ds x:f: Linus**)_{Pat}]

(15') Linus é tímido

Pres e:[f:tímido (**ds x:f: Linus**)_{Pat}]

O sujeito deve ser entendido, assim, como uma referência a uma entidade de primeira ordem tal que tem a propriedade “é um Linus”. Embora Anstey simpatize com a idéia de introduzir essa notação para trazer precisão referencial à GF, ele sugere o retorno à notação denotacionalmente precisa apresentada aqui. Desta forma, podem-se descrever as denotações δ de ordem zero e de primeira ordem:

$\delta_0 = \lambda_0 f$: palavra

$\delta_1 = \lambda_1 f$: palavra

Segundo Anstey, um ou mais (δ_{1s}) tipicamente combinados com δ_0 representam o conteúdo de um evento (δ_2) no contexto de uma enunciação:

$\delta_2 = \lambda_2 e: [\delta_a \delta_b^n]$

Dessa forma, esse autor justifica a *remoção* dos satélites de nível 1 da camada δ_2 , para aparecerem como participantes adicionais no EsCo. A diferença entre argumentos e satélites se dá numa associação convencional de números de participantes e tipos de argumentos com predicados particulares. Assim, para o verbo “give” (dar) do inglês, três termos referenciais combinados com o predicado “give” representam Agente, Recipiente e Meta no contexto de uma enunciação.

Ele termina por definir os *satélites de predicado* como **argumentos não-convencionais** de um predicado. Anstey avisa que uma consequência deste ponto de vista é a substituição das estruturas de predicado com verbo específico por modelos generalizados de construção. Entendemos, no entanto, que esse este ponto de vista se revela um tanto quanto contraditório, uma vez que se um termo é classificado como argumento da oração, não há como ser não-convencional, isto é, não podemos descartá-lo da camada a que se refere, que nesse caso seria a camada do predicado.

Já segundo Hengeveld (1997, p.126), os satélites de predicado podem ainda ser divididos de acordo com a natureza do predicado que eles modificam, que pode ser verbal, adjetival ou adverbial, como mostram, respectivamente, os exemplos (16), (17) e (18) a seguir:

(16) That boy played *clumsily*.

(= Aquele garoto jogou *desajeitadamente*)

(17) That boy is *extremely* clumsy.

(= Aquele garoto é *extremamente* desajeitado)

(18) That boy played *incredibly* clumsily.

(= Aquele garoto jogou *incrivelmente* desajeitado)

Dessa forma, Hengeveld constata que os advérbios dessas três subclasses atuam como predicados restritos e, conseqüentemente, as três classes têm **posição argumental** (*argument position*). Ele chama a atenção ainda para os advérbios de Modo, que, como afirma, geralmente não combinam com predicados adjetivais ou adverbiais, tais como demonstra o exemplo (19) a seguir:

- (19) That boy is *clumsily* funny.
 (= *Aquele garoto é *desajeitadamente* engraçado)

Assim, os advérbios de Modo não combinam com predicados não-controlados e não-dinâmicos, mas somente com EsCos controlados e/ou dinâmicos. Essas restrições podem ser capturadas pela imposição das restrições de seleção na posição argumental dos advérbios.

Para Mackenzie (2002), entretanto, a proposta de Hengeveld (1997) de admitir que os advérbios aparecem como restritores em vários fenômenos na representação subjacente (verbo, adjetivo, advérbio, predicação, proposição, ilocução e oração) tem dois aspectos importantes. Primeiramente, ela permite um alto grau de paralelismo entre a estrutura de termos e a estrutura de várias camadas na representação subjacente, desde que o esquema para os termos, com restritores empilhados (*stacked*), seja tomado como molde para todas as camadas: (variável: cabeça:: variável: 2º restritor). Em segundo lugar, tal proposta torna a noção de satélite supérflua, simplificando, portanto, as representações subjacentes na GF: todos os satélites são re-analisados como restritores.

O que Mackenzie questiona é se a relação entre o modificado e o modificador pode sempre ser caracterizada como restrição. Ele afirma que representar o advérbio de modo como um restritor tem, pelo menos, uma desvantagem: não está claro como a distinção entre satélites implícitos e não-implícitos poderia ser feita se todos os satélites fossem re-analisados como restritores². Os satélites de Modo modificam não-Estados (isto é: Ações, Posições e Processos). São implícitos porque todo não-Estado acontece de algum Modo. Segundo ele, os adverbais de Modo não podem ser tomados como exemplos de uma categoria de advérbios no inglês uma vez

² Segundo Mackenzie (2002), Dik *et al* (1990, p.63) concluíram que todos os satélites da camada 1 e alguns da camada 2 são restritivos, enquanto alguns satélites da camada 2 e todos das camadas 3 e 4 são não-restritivos.

que, nessa língua, falta uma categoria lexical de advérbios de Modo. Ele defende que os adverbiais de *modo* do inglês deveriam ser representados como um **satélite implícito**, e afirma que, por extensão, isso também ocorre com alguns satélites de nível 1 **implícitos no predicado**, pois, segundo ele, todo não-Estado acontece de algum modo.

Isso é revelado pela impossibilidade de afirmar, negar ou questionar esse fato (veja (20)) e pela impossibilidade de tratar modo como um referente de discurso, como é mostrado pelo termo anafórico (*maneira*) definido em (20), o que não ocorre com os satélites não-implícitos, como por exemplo o de *Beneficiário*, pois *dançar*, neste exemplo, não implica necessariamente *para alguém*, diferentemente do satélite de *modo*, pois, se alguém *dança*, segundo esse autor, dança *de alguma maneira*.

(20) Annete danced. The way she did it was **beautiful**.

(= Annete dançou. *A maneira* como ela dançou foi **maravilhosa**)

(21) Annete danced **for somebody**.

(= Annete dançou **para alguém**)

Notamos que (21) não envolve anáfora da mesma maneira que (20): o intérprete deve acrescentar a “ponte inferencial” de que *Ana estava dançando para alguém*.

A seguir apresentamos um quadro em que se esquematizam as principais diferenças entre argumentos e satélites.

	Argumentos	Satélites
Definição	São termos exigidos pela formação de predicação nuclear completa	São meios lexicais opcionais que fornecem informações adicionais. A informação principal pertencente a uma camada particular está contida na estrutura nuclear à qual o satélite é acrescentado.
Status	Essenciais para a integridade dos EsCos designados pelo esquema do predicado (propriedade/relação).	Não são essenciais para garantirem a integridade dos EsCos.
Opcionalidade	Não podem ser retirados da oração	Opcionais porque podem ser retirados sem afetar a gramaticalidade da sentença.

Quadro 1: Principais diferenças entre argumentos e satélites.

O quadro a seguir resume a opinião dos principais autores sobre os constituintes de predicado.

Dik (1989, 1990)	São meios lexicais opcionais.
Hengeveld (1997)	Podem atuar como predicados restritos e, como consequência disso, apresentam posição argumental.
Mackenzie (2002)	Os advérbios de Modo são satélites implícitos, mas sem o requisito de ser colocado em posição de argumento.
Anstey (2002)	Propõe reclassificar os constituintes de predicado como Argumentos Opcionais.

Quadro 2: Esquema teórico dos principais autores.

Como vimos, Dik (1989) e Dik *et al* (1990) defendem que os satélites de nível 1 são opcionais (adotam o critério de opcionalidade/obrigatoriedade). Anstey (2002) propõe definir operadores e satélites não em termos da camada que eles modificam ou da categoria gramatical

que eles podem expressar, mas em termos do domínio semântico com o qual suas especificações se relacionam. Mackenzie (2002), por sua vez, dá atenção especial aos satélites de Modo, pois defende que esses, e por extensão, outros satélites, deveriam ser representados como satélites implícitos.

Como se pode notar na literatura apresentada, há diferentes conceitos sobre o estatuto dos satélites de nível 1, pois, embora baseados em critérios de análise diferentes (convencionais/não-convencionais; obrigatórios/não-obrigatórios; implícitos/não-implícitos;), os autores apresentam em comum o fato de notarem que alguns desses constituintes apresentam peculiaridades especiais. Tais constatações nos revelam que esses constituintes merecem um estudo mais aprofundado como o que aqui se propõe.

Os satélites de modo geral podem ser expressos por meio de Advérbios ou de Sintagmas. Os advérbios apresentam um único elemento. Já os sintagmas apresentam mais de um elemento e geralmente são antecidos por um marcador de função semântica (a preposição), por isso são denominados Sintagmas Preposicionais (SP). Sintagmas Preposicionais são constituídos por Preposição+Sintagma Nominal. O Sintagma Nominal, por sua vez, é constituído obrigatoriamente por um Nome e pode ou não conter um Determinante e um Modificador (Adjuntos Adnominais para a Gramática Tradicional).

Os advérbios, por outro lado, constituem uma classe de palavras heterogênea, da qual trataremos a seguir.



2.3. Os advérbios

A Gramática Tradicional trata da classe dos advérbios de uma maneira bastante abrangente, pois o componente sintático é tomado como critério primordial de análise. De modo geral, conceitua advérbio como modificador do verbo, de um adjetivo ou de outro advérbio, acrescentando a essas classes de palavras circunstâncias de tempo, modo, lugar, etc. A ordem dos advérbios é pouco enfocada pelos gramáticos, pois pressupõem que estejam diretamente ligados à classe que modificam, tendo mobilidade na oração.

O conceito de advérbio é muito discutido entre gramáticos, como Barbosa (1881), Macambira (1970), Lima (1986) e lingüistas como Ilari *et al* (1990).

Macambira (1970), por seu turno, considera que, sob o aspecto mórfico, pertence à classe dos advérbios toda palavra que termina por meio do sufixo *-mente*³, donde resultam oposições formais com o adjetivo que lhe corresponde, como por exemplo: *doce – docemente, caridoso – caridosamente*; e sob o aspecto sintático, pertence à classe dos advérbios toda palavra invariável que se articula com os advérbios *tão, quão* ou *bem*, como por exemplo: *tão / quão / bem depressa, tarde*, etc. Esta conceituação é, na verdade, morfo-sintática, pois lança mão do termo variável que distingue o advérbio do adjetivo; por isso Macambira afirma que pertence à classe do advérbio toda forma invariável e livre que funciona como terceiro elemento dentro da seguinte

³ NOGUEIRA (2004) estuda em detalhes os adverbais terminados em *-mente* sob a perspectiva funcional e conclui que esses *podem atuar em todas as camadas da estrutura subjacente da oração. Na primeira camada, esse advérbio aciona característica ao EsCo, especificando o instrumento com o qual o EsCo se efetua (por exemplo, “historicamente”) ou se desenvolve (“categoricamente”), expressando ainda o montante de EsCo que ocorre por unidade de tempo (“rapidamente”); nesta camada, o advérbio em -mente restringe-se aos satélites de Instrumento, Modo e Velocidade. Já na camada da predicação, os advérbios em -mente restringem-se ao Quadro Temporal, com exceção de Duração. A autora conclui ainda que os satélites de Locação, Circunstâncias, Causa externa, Condição, Propósito e Razão nunca se manifestam na forma de advérbio, são sempre expressos por sintagmas preposicionados ou orações. É importante ressaltar ainda que, em seus dados, os advérbios da segunda camada ocorrem com função pragmática de Foco e “Preparador de Cenário”.*

forma: pronome subjetivo e verbo intransitivo: “eu trabalho *sempre*”. Sob o aspecto semântico, o autor afirma que a definição tradicional de que “pertence à classe do advérbio toda palavra que exprime qualidade ou circunstância” não serve, pois “exprimir qualidade compete igualmente ao substantivo e ao adjetivo”. Sendo assim, conclui que o advérbio é indefinível sob o aspecto semântico, pois o fenômeno gramatical só pode ser definido em termos lingüísticos. Ele faz menção também à necessidade de se acrescentar outros elementos: o mórfico e o sintático, conceituando o advérbio da seguinte maneira: “Advérbio é a palavra invariável que modifica o verbo, o adjetivo, o pronome, o numeral e o próprio advérbio”; não deixando de discutir os casos de advérbio que modificam substantivo: “Homens *assim* mudarão a face da terra”; “O *então* rei da França era o cardeal”.

Lima (1986) e Cunha e Cintra (1985) mencionam a existência de advérbios que modificam toda a oração. São chamados de “palavras denotativas” por Lima e de “advérbios de oração” por Cunha e Cintra, tal como exemplificam Cunha e Cintra: “*Possivelmente*, não haverá ceia este ano”; “Eu me recuso, *simplesmente*”.

Para Bechara (1999), advérbio é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial: “*Aqui* tudo vai *bem*” (advérbios de lugar e modo respectivamente); “*Hoje não* irei *lá*” (advérbios de tempo, negação, lugar respectivamente). Segundo o autor, o advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou ainda a uma declaração inteira:

(22) José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo)

(23) José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).



(24) José escreve *muito* bem (advérbio com referência ao advérbio *bem*).

(25) *Felizmente* José chegou (advérbio em referência a toda a declaração “José chegou”)

Bechara explicita ainda que o “advérbio desse tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário” (BECHARA, 1999, p.87).

Como se pode perceber, o conceito de advérbio entre os gramáticos difere e nem sempre esses autores fazem menção a todos os tipos existentes; poucos autores fazem alusão à existência de advérbios que expressam juízo pessoal do falante, sendo Bechara um dos autores que se destaca por salientar esses advérbios. Na maioria das definições mencionadas, abordam-se o aspecto mórfico e o sintático, deixando de lado o aspecto semântico e pragmático, os quais são de fundamental importância à classificação dos advérbios. Não há, dessa forma, uma classificação clara e coerente dos advérbios entre esses estudiosos.

Segundo Ilari *et al* (1990), a Gramática Tradicional tomando um critério morfológico, define advérbio como palavra invariável; já, de acordo com o critério sintático, considera advérbio como uma palavra relacionada sintaticamente ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio, e, de acordo com o critério semântico ou nocional, é uma palavra que indica circunstância e modificação. Salientam esses autores que:

“as gramáticas enquadram atualmente entre os advérbios uma quantidade enorme de palavras de que seria mais correto dizer que, apenas em algumas ocorrências particulares e em alguns ambientes sintáticos, atendem aos critérios tradicionais para a classificação como advérbios. Tratar do ‘advérbio’ é, antes de mais nada, tomar consciência desses equívocos, constatando a diversidade de emprego dessas expressões”

(ILARI *et al* 1990, p.69).

Por isso, propõem uma classificação de acordo com as propriedades estruturais dos advérbios, isto é, os vários tipos de advérbios podem ser referidos à estrutura sintática e semântica da sentença em condições precisas.

É importante mencionarmos que o trabalho de Ilari *et al* (1990) não segue uma teoria. É um trabalho de base intuitiva, pois, argumentam que: (i) os modelos teóricos não dão atenção necessária aos advérbios e (ii) quando o fazem, elegem somente um componente da gramática como base, como por exemplo o sintático.

Ilari *et al* (*op cit*) propõem que sejam distinguidas e estudadas separadamente da classe dos advérbios outras três classes: a dos dêiticos (*lá, aqui, agora*), dos intensificadores (*muito, pouco, bastante*) e dos advérbios de verificação (aqueles que indicam inclusão ou exclusão: *também, ao menos, pelo menos*, etc), pois não exprimem nenhum tipo de circunstância.

Esses autores propõem dois eixos de análise para a classe dos advérbios: o eixo sintático e o semântico.

No eixo *sintático*, os advérbios podem ser:

- **de constituinte**: quando estão relacionados a um dos constituintes da sentença.
- **de sentença**: quando não se referem a nenhum constituinte em particular, mas à sentença como um todo, estão subdivididos em:
 - “*hedges*” ou *circunscritores*: limitam o ponto de vista sob o qual pode ser considerada correta a asserção, como por exemplo: “*Oficialmente*, não está encerrado mas *de fato* está”.
 - *quase-modais*: modalizam a asserção, dentre eles: *realmente, provavelmente, possivelmente, dificilmente*, etc., como em: “Eu pus numa escola, ele não gostou daquela... Aí eu achei que, *realmente*, a escola não preenchia tudo que eu gostaria que preenchesse”

- *aspectualizadores*: indicam a frequência com que um evento se reitera, são eles: *geralmente, normalmente, diariamente, de vez em quando, etc.*, tal como no exemplo: “*Diariamente, quase que diariamente, eles chegam atrasados*”.
- *atitude proposicional*: referem-se a uma apreciação, geralmente do falante, sobre o conteúdo da asserção. O exemplo paradigmático é o do *felizmente*, como se vê em: “*Ainda não... felizmente [as crianças] ainda não começaram [aquela fase mais difícil]*”.
- **de discurso**: classe que ultrapassa os limites da sentença, introduz um novo momento de discurso que se distingue do anterior por uma mudança de tópico e de orientação discursiva tal como a segunda ocorrência de *agora* no trecho que segue, em que a perspectiva das crianças é corrigida no que diz respeito a um caso particular que deve ser considerado, pois, conforme explicam Ilari *et al*, no próximo momento, as atitudes da filha mais velha em relação aos irmãos passa a ser o assunto do diálogo:
 - Agora que estão todos maiores, quer dizer, cada um fica mais ou menos responsável por si.
 - Já se cuidam
 - De higiene, de trocar de roupa, todo esse negócio. Quer dizer, já é alguma coisa que eles fazem porque...
 - Ajuda demais, né?
 - Já ajudam bem.
 - *Agora*, tem sempre [...] numa família grande há sempre um com tarefa de supervisor... por instinto, não é por obrigação. (ILARI *et al*, 1990, p.85)

No eixo *semântico*, os advérbios podem ser **predicativos** ou **não-predicativos**. Quanto aos predicativos, os autores entendem que da mesma forma que o verbo ou o adjetivo atribuem uma ação ou uma propriedade ao sujeito, o advérbio predica uma propriedade da qualidade ou ação que se atribui ao sujeito; estes são os predicativos, tais como “chegar *bem*”, “falar *muito*”,



“*autenticamente* brasileiros”; neste caso, o núcleo significativo é afetado pelo acréscimo do advérbio. Já os não-predicativos são os que a representação como predicados de segundo grau é contra-intuitiva, neste caso, o núcleo permanece intacto, acrescenta-se somente circunstâncias de tempo e lugar, como por exemplo: “chegar *aqui*”, “chegar *cedo*” “*não* falar”, etc.

A distinção entre estas duas classificações fundamenta-se na distinção dos papéis que os advérbios desempenham em relação à sentença, e não na possibilidade de se obter uma paráfrase que substitua o advérbio por um predicado. Para marcar essa diferença, os autores propõem um artifício de raciocínio em três etapas:

- considerar o verbo ou o adjetivo “em estado de dicionário”;
- refletir sobre sua definição lexical, chegando a um núcleo significativo;
- verificar de que modo esse núcleo significativo foi afetado pelo advérbio.

Entre os advérbios **predicativos** estão os *qualitativos* (como: comer *bem*); os *intensificadores* (como: *mais* depressa, sofrer *mais*); os *modalizadores* (como: *Certamente*, a mulher sairá daqui) e os *aspectualizadores* (como: *Normalmente*, eu acordo cedo). Os **não-predicativos** envolvem os de *negação* (como: a mulher *não* saiu). Os autores constataam que “a negação opera diretamente sobre o valor de verdade que se pensa em atribuir à sentença, uma característica que ela compartilha com as expressões de inclusão/exclusão (*inclusive*, *só*) e de focalização (*justamente*, *exatamente*)” (ILARI *et al*, 1990, p.93).

Os adverbiais predicativos qualitativos do tipo “comer *bem*”, “comer *mal*” serão tratados na análise dos dados em detalhes no Capítulo 4.



É importante salientarmos que Ilari *et al* (1990) fazem estudos detalhados sobre a ordenação dos advérbios e levantam a hipótese de que a ordem dos mesmos não é aleatória, sendo elementos fixos dentro da sentença.

Ressaltamos que, embora o trabalho de Ilari *et al* tenha um caráter marcadamente intuitivo, a classificação dos advérbios de acordo com a função que estes exercem no contexto em que estão inseridos é mais coerente que a dos gramáticos. Entretanto, o aspecto pragmático ainda pode ser mais bem explorado de acordo com uma teoria que trate desses constituintes. Isso é o que propõe a Teoria da Gramática Funcional, representada por Hengeveld (1997, p.121)⁴:

“uma das partes do ato de fala menos estudadas é a do advérbio, o que poderia estar relacionado à existência de poucas línguas nas quais essa classe representa uma classe aberta de lexemas básicos, isto é, lexemas “não-derivados”. Tendo em vista, entretanto, o grande número de funções que os advérbios desempenham, eles merecem a atenção dos lexicologistas”.

Segundo esse autor “advérbio é um modificador lexical de um núcleo não-lexical”. Essa definição, conforme explicita o próprio autor, implica três aspectos:

- (i) é um modificador no sentido em que ocupa um lugar sintático não-obrigatório e também depende da presença de um elemento que ocupe o lugar obrigatório de um núcleo não-nominal, como por exemplo (26):

- (26) *She dances beautifully.*
She dances.
**She beautifully*

⁴ “One of the least studied major parts of speech is the class of adverbs. The reasons for this situation might be that there are very few languages in which this part of speech represents an open class of basic, i.e. underived lexemes. Given, however, the large number of functions that adverbs may fulfil, they deserve attention from lexicologists”.

(26') Ela dança maravilhosamente

Ela dança.

* Ela maravilhosamente

- (ii) como elementos lexicais, excluem-se da definição modificadores de núcleo não-nominal construídos sintaticamente. Compare os seguintes exemplos:

(27a) She dances *beautifully*.

(27b) She dances in a *beautiful manner*.

(27 a') Ela dança maravilhosamente.

(27 b') Ela dança de modo maravilhoso.

O exemplo (27a) contém um advérbio *beautifully*, já o exemplo (27b) contém uma construção adverbial não-lexical *beautifully manner*. Desde que regras derivacionais produzem itens lexicais, advérbios derivados, tais como *beautifully* (maravilhosamente) serão incluídos na definição.

- (iii) A definição de advérbios como modificadores dos núcleos não-nominais os distingue dos adjetivos, os quais modificam núcleos nominais. Núcleos não-nominais podem ser de vários tipos, desde elementos lexicais, tal como o núcleo adjetival *extremely* em (28), até sentenças completas, como em (29):

(28) an *extremely* intelligent boy
(=um garoto *extremamente* inteligente)

(29) *Frankly*, I don't like you
(= *Francamente*, eu não gosto de você)

Hengeveld afirma ainda que há elementos que modificam núcleos nominais, tais como *even* (até) em (30), que às vezes são caracterizados como advérbios, como podemos conferir:

- (30) *Even the queen was present.*
(= Até a rainha estava presente.)

Entretanto, conforme afirma Hengeveld, “esses elementos são mais bem caracterizados como partícula de Foco⁵” (Hengeveld 1997, p.123). Nota-se neste caso, em particular, que *até* em (5) não modifica o núcleo *rainha*, mas sim todo o sintagma nominal *a rainha*.

Como salientamos, o trabalho de Ilari *et al* (1990) é um dos que mais se destaca entre os autores que tratam dos advérbios, pois elabora uma classificação mais coerente entre essa classe de palavras. Os advérbios predicativos de Ilari *et al* (*op cit*) correspondem a alguns satélites de predicado da teoria da Gramática Funcional, já que nesses casos o núcleo da oração é afetado pelo acréscimo do advérbio. Dentre os predicativos, os qualitativos (tais como: comer *bem*), conforme já mencionado, serão amplamente discutidos nos Capítulos 4 e 5.

No próximo capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos que nortearam a análise das ocorrências de satélite de predicado no português brasileiro falado.

⁵ Para um estudo detalhado dos advérbios focalizadores no português brasileiro falado, ver Souza (2004).



CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como já salientado na Introdução, nosso objetivo principal é apresentar uma descrição detalhada do comportamento dos constituintes de predicado, pois, como visto pela bibliografia levantada, ainda há muitos aspectos que necessitam de uma maior reflexão.

O universo de investigação é constituído pelo corpus mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), por sua vez extraído do Projeto da Norma Urbana Culta (NURC), em que Elocuções Formais (EF) representam o nível mais formal, Diálogos entre Informante e Documentador (DID) representam um nível intermediário e Diálogos entre Informantes (D2) representam o nível menos formal. Assim serão utilizados, para as Elocuções Formais (EF), os inquéritos SP-405, RJ-379, RE-377, SSA-46 e POA-278; para os Diálogos entre Informante e Documentador (DID), foram selecionados os inquéritos SP-234, RJ-328, RE-131, SSA-231 e POA-45; e para o Diálogo entre Dois Informantes (D2), escolheram-se os inquéritos SP-360, RJ-355, RE-05, SSA-98 e POA-291.

Foram tabuladas somente as ocorrências que apresentavam os argumentos expressos, uma vez que as ocorrências que apresentavam argumentos elípticos dificultavam a análise da ordenação dos satélites na oração.

Cada ocorrência utilizada para exemplificação apresenta no final as especificações quanto ao tipo de inquérito (grau de formalidade), ao local de origem, ao número do inquérito, separados por um traço (-), e também quanto ao número da linha em que a ocorrência se



encontra, a qual aparece após dois pontos (:); conforme exemplifica (1) a seguir, em que se identifica uma elocução formal, representada por (EF), da cidade de Porto Alegre (POA), portanto, região Sul do Brasil, inquérito número 291 e ainda há a indicação de que a ocorrência referida está na linha 78 deste inquérito.

(1) (EF-POA-291:78)

Por ser um trabalho de natureza empírica, há a necessidade de um levantamento quantitativo, no qual se analisam os números e as porcentagens de todos os fatores propostos, assim como o significado e a razão destas porcentagens no processo comunicativo, já que nunca desconsideramos a pragmática da interação social.

Para isso, conta-se com o processamento eletrônico dos dados, utilizando alguns programas do pacote VARBRUL - Variable Rule Program (Sankoff, 1975), utilizado a princípio para quantificação de dados, mas que proporciona também a tabulação cruzada entre dois fatores que se julguem relevantes, podendo, além disso, optar pelo fator determinante de análise. É importante ressaltar que, embora seja um programa de análise quantitativa, é somente um instrumento pelo qual se analisam as razões e as causas para o comportamento de cada constituinte em questão.

O **primeiro** fator de análise consiste no **padrão de ordenação**. Como observado por Pezatti (1992), o Português Brasileiro apresenta três padrões de ordenação: SVO, para estruturas transitivas, SV para intransitivas e VS para intransitivas existenciais apresentacionais. Considerando, então, que o padrão de ordenação dos constituintes argumentais pode determinar a ordenação linear dos constituintes opcionais, cada ocorrência foi primeiramente classificada de acordo com cada padrão, sendo este, portanto, o fator utilizado como variável dependente.

Este primeiro fator está intimamente relacionado ao **segundo** fator de análise: **a posição dos constituintes na oração**. Considerando-se que o início de uma oração é sempre claro, denominou-se I para a posição inicial e I+1 e I+2 para as seguintes. Por outro lado, considerando-se o predicado por V, o núcleo da oração, determinamos V-2 e V-1 para as posições que antecedem o predicado, e V+1 e V+2 para as posições que o seguem. Levando-se em conta que o fim de uma oração é facilmente observável, considerou-se F para a última posição da oração e F-1 e F-2 para as posições que a antecedem. Desse modo, se houver apenas um constituinte no início da oração ele irá para I. Se houver dois, o primeiro irá para I e o segundo para I+1; se houver três, o primeiro vai para I, o segundo para I+1 e o terceiro para I+2. O mesmo procedimento se faz para F. Se houver apenas um constituinte no final, ele será marcado como F; se houver dois, o último vai para F e o segundo (da direita para a esquerda) para F-1; se houver três, o último vai para F, o penúltimo para F-1 e o antepenúltimo para F-2. Com relação ao VS é o mesmo procedimento: se houver um constituinte entre S e V, ele irá para V-1, se houver dois, o mais próximo do verbo é V-1 e o anterior a ele V-2; se houver um constituinte depois do verbo, ele vai para V+1, se houver dois, o mais próximo do verbo irá para V+1 e o seguinte irá para V+2. Assim para cada padrão de ordenação foram estabelecidas as seguintes posições:

Se SVO: I I+1 I+2 S V-2 V-1 V V+1 V+2 O F-2 F-1 F

Se SV: I I+1 I+2 S V-2 V-1 V F-2 F-1 F

Se VS: I I+1 I+2 V V+1 V+2 F-2 F-1 F

O **terceiro** fator de análise consiste na **função semântica**, com o objetivo de verificar se cada função semântica apresenta um comportamento específico. Utilizaremos a classificação dada por Dik *et al* (1990), uma vez que consideramos ser a mais adequada para os objetivos deste trabalho.

- (i) **Participantes adicionais:** Beneficiário (B); Companhia (C); Instrumento (I) e Causa interna (U);
- (ii) **Meios e Maneiras:** Modo ou maneira (M); Velocidade (V) e Qualidade (Q);
- (iii) **Orientação Espacial:** Origem (O), Direção (D) e Percorso (P).

Tendo em vista que os constituintes mais complexos tendem a ocupar as posições mais à direita da oração (cf. princípios de ordenação geral e específicos de Dik pág. 31-33) e os menos complexos tendem a ocupar as posições mais à esquerda, foi determinado o **quarto** fator de análise, **a forma do constiuinte**: advérbio ou sintagma preposicional, hipotetizando-se que, quando se apresentam na forma de advérbio, ocupam as posições mais à esquerda da oração, e, quando ocorrem na forma de sintagma, ocupam as posições mais à direita da oração.

Com tais procedimentos obtivemos um total de 84 ocorrências, que serão descritas e analisadas no próximo capítulo.



CAPÍTULO 4

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos os resultados da análise empreendida no corpus descrito no capítulo anterior.

Das 206 ocorrências de satélites tabuladas, foram descartadas 105, uma vez que não apresentavam todos os argumentos expressos, dificultando, assim, verificar a preferência de ordenação de cada satélite. Portanto, nosso corpus é constituído de 101 ocorrências, que foram divididas em dois grupos: um constituído de 84 ocorrências de satélites de predicado e outro de 17 ocorrências de constituintes com características singulares que os diferem dos satélites de predicado. Dessa forma, para facilitar a exposição, apresentaremos os resultados em duas seções.

4.1. Satélites de predicado

Como vimos no capítulo de Fundamentação Teórica, satélites para a GF são termos lexicais que fornecem informações adicionais ao EsCo (DIK, 1989). Esses constituintes não são exigidos pela semântica do predicado, mas dão uma informação complementar sobre aspectos adicionais do EsCo (nível 1), a localização do EsCo (nível 2), a atitude do falante frente a avaliação do conteúdo proposto (nível 3), ou o caráter do ato discursivo (nível 4).



Os satélites de nível 1 ou de predicado, nosso objeto de estudo, representam os meios pelos quais características adicionais de EsCo podem ser especificadas (Dik *et al* 1990).

Em nosso corpus encontramos 84 ocorrências de satélites de nível 1, que foram analisadas de acordo com os fatores descritos no capítulo de Procedimentos Metodológicos.

A análise do fator **padrão de ordenação** revelou que no português brasileiro falado predominam estruturas transitivas, cujo padrão é SVO (57 ocorrências), em 64,8% dos casos. Em segundo lugar aparece o padrão intransitivo SV (26 ocorrências) com 31% do total, ficando o padrão VS com apenas 1,2% do total de ocorrências, conforme resume a Tabela 1.

Tabela 1: Padrões de ordenação

SVO		SV		VS		Total	
n	%	n	%	n	%	n	%
57	67,8	26	31	1	1,2	84	100

(1), (2) e (3) a seguir representam respectivamente os padrões SVO, SV e VS:

- (1) L1 não...embora embora seja lamentável a gente dizer a vocês o seguinte...de que o Nordeste só cresce em termos absolutos...em termos relativos fica cada vez mais distante do Sul...o Sul cresce cada vez mais aumentando a distância para conosco...nós crescemos em termos absolutos todo o Brasil cresce a gente tem que crescer também...mas em mos relativos estamos indo pra trás e é preciso denunciar isso e gritar pra poder::ver se:algum dia: *o governo federal olha de uma maneira mais positiva praqui* porque::esse país::só pode crescer globalmente...se não crescer globalmente...e seria muito importante para o Brasil que o Nordeste crescesse porque::...não é bairrismo não aqui no Nordeste está o que há de mais autêntico da brasilidade em termos mundiais...porque::...enquanto lá o Sul sofreu influências externas que possibilitaram a a a criação daquela daquela::...sociedade cosmopolita que::...trouxe desenvolvimento e que trouxe vantagem
- L2 nós temos aqui a cultura da cana

(D2-RE-05:198)



- (2) *Doc.* quais as posições que a senhora nadava assim que modalidades?

Inf. éh:: *ocrow...* peito... né? *a gente nada de costas também*

(DID-POA:45:338)

- (3) L1 na minha casa também porque... *saem...* *ahn::cinco...* *comigo de manhã*

L2 ahn

L1 às sete horas

(D2-SP-360:142)

Para a análise dos satélites de predicado, dentre todos os fatores analisados, tomamos como fator determinante o padrão de ordenação, o que nos possibilita determinar com clareza as posições preferidas desses constituintes e dessa forma, verificar se cada tipo apresenta propriedades particulares com relação à forma e à posição. Assim, dividiremos a nossa análise em três subtópicos: I. O padrão de ordenação SVO; II. O padrão de ordenação SV e, por último, o padrão de ordenação VS. Dentro de cada padrão analisaremos os outros fatores pesquisados, tais como: ordenação, função semântica e forma do constituinte.

4.1.1. Padrão de ordenação SVO

No padrão SVO, a **posição**¹ predominante é a imediatamente posposta ao verbo, com 37% das ocorrências, como exemplifica a ocorrência (4), em que o satélite Modo *inteiramente* aparece imediatamente após o predicado *se dedica*.

- (4) quer dizer ou *a mulher se dedica inteiramente à carreira* ou aí...co/com prejuízo dela como mãe como dona de casa... (D2-SP-360:669).

¹ As porcentagens estão calculadas em relação ao total das ocorrências de cada padrão correspondente.



A última posição, embora seja bastante recorrente, aparece com menor frequência (33%). Essa posição é ocupada quando o satélite aparece posposto ao complemento verbal, como exemplifica a ocorrência (5), em que *no homem do paleolítico superior* é o complemento do predicado *pensar*, que é seguido pelo satélite *Qualidade como um homem que ainda não conseguiu se organizar socialmente nem politicamente* na posição final:

(5) ... agente vai pensar no homem do paleolítico superior ... **como um homem que ainda não conseguiu se organizar socialmente nem politicamente**..._eles ainda vivem em BANDos.... ainda existe o individualismo marcado... (EF-SP-405:58)

No entanto, se considerarmos como posição final a F-1 e a F, verificamos que esse tipo de constituinte tende a ocorrer no final da oração em 43% dos casos, ultrapassando assim, a posição imediatamente depois do predicado, conforme se observa na Tabela 2.

Tabela 2: Posições no padrão SVO

I		I+1		I+2		V-2		V-1		V+1		V+2		F-2		F-1		F		Total	
n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
7	12	-	-	-	-	1	2	1	2	21	37	2	4	-	-	6	10	19	33	57	100

Na verdade, as posições à direita do predicado são ocupadas por 84% das ocorrências, um número importante para caracterizar a ordenação dos satélites de predicado no português brasileiro falado, o que confirma a tendência de constituintes não argumentais ocorrerem mais para o final da oração.

A posição inicial abriga 12% dos casos, conforme exemplifica (6). Como se observa, o satélite de instrumento *através dele* é o Foco da oração, é a informação que o falante deseja realçar e o faz duplamente alocando-o em posição especial numa construção clivada. É, na

verdade, o que a Gramática Funcional denomina Foco Contrastivo. De acordo com Dik (1997a), Foco Contrastivo envolve algum tipo de contraste entre o constituinte focalizado e as informações alternativas que podem ser explícita ou implicitamente apresentadas. Nesse caso, aplica-se o princípio de ordenação de constituintes denominado Princípio da Relevância Pragmática, segundo o qual “constituintes com função pragmática especial são preferencialmente colocados em posição especial na oração”.

- (6) ... levar: ao senhor presidente... todas aquelas questões:... que diz que dizem respeito... aos associados... sendo evidentemente uma pessoa... de toda confiança do senhor presidente porque *é através DEle que o senhor presidente vai tomar pé... das questões... mais importantes...* (DID-RE-131:141)

Há seis ocorrências (10%) em posição anterior à final. Isso acontece quando a posição final já está ocupada por um constituinte complexo, como em (7), ou por outro satélite de nível 1, como em (8).

- (7) ...outra pergunta foi a seguinte... existe diferença... entre... ciência do normativo... e uma ciência normativa? vocês têm a pergunta aí num é? inclusive *eu coloquei ciência normativa... entre aspas... para mostrar: que... NÃO é propriamente uma ciência que se chama ciência normativa...* o que é que vocês diriam sobre isso? (EF-RE-337:289)

- (8) ...o que acontece é o seguinte hoje em dia...prá você ir por...nós vamos por exemplo todo doá a Camaçari...já é hoje em dia uma viagem...é assunto mesmo de:...de:... praticamente a gente não sair da cidade mas...viaja que não é brinquedo hoje mesmo *eu fiz uma viagem daqui prá Camaçari* ...que parecia que eu tinha ido quase a:...Feira de SanTana...devido ao/ à incidência de tráfego que existe...devido exatamente ha: às interrupções que existem na cidade...de buracos escavações...de:...enfim de interrupÇÕES de toda ordem... () (D2-SSA-98:4).

Em (8) o satélite *Origem daqui* antecede o satélite *Direção pra Camaçari*, que ocupa a posição final. Nesse caso, além da complexidade, já que o advérbio *daqui* é menos complexo do que o sintagma *pra Camaçari*, há a atuação da Princípio de Ordenação Icônica, que prediz que “a ordem reflete iconicamente o conteúdo semântico da expressão em que ocorre”, ou seja, *Origem* deve preceder *Direção*.

As posições entre o sujeito e o verbo (V-2 e V-1) são as que menos recebem satélites de nível 1 (1%). A ocorrência (9) exemplifica um único caso de preenchimento da posição imediatamente anterior ao verbo (V-1), expandida com a coordenação do satélite Instrumento.

- (9) ...nós estamos diante... de uma situação... em que... apenas a voz... de uma entidade faz valer... que é o estado... enquanto que *numa sociedade... democrática... os mais: diversos setores... dessa sociedade... ((4 seg.)) através... das câmaras... através das assembléias... através... ((3 seg.)) do senado... ((3 seg.)) têm: realmente condições de fazer valer os seus direitos...* (DID-RE-131:301)

A segunda posição pós-verbal, que abriga somente duas ocorrências, é preenchida por um constituinte de predicado quando a primeira posição pós-verbal é ocupada por um outro tipo de constituinte, como é o caso do exemplo (10), em que o satélite de nível 2 *aqui* ocupa a posição imediatamente pós-verbal, restando, portanto, a segunda posição pós-verbal para o satélite Beneficiário *pra vocês*, conforme segue:

- (10) ... *eu trouxe aqui pra vocês a medicação* eu não vou falar mais sobre a medicação porque eu trouxe pra vocês algumas apostilas com os esquemas mais modernos de alimentação... depois eu vou distribuir aí pra vocês... então nós temos eh: de doentes/ doentes vi/ de vt e os de/de crianças e tratamento de segunda linha depois que dou pra vocês.. (EF-SSA-46:204).

A **função semântica** mais recorrente no padrão SVO é a de Modo, com 38% de frequência, seguida por Instrumento (24,5%) e por Beneficiário (12%). A função semântica de Companhia responde por 9% do total e as de Direção, Velocidade e Percurso por 3,5% cada. As funções de Qualidade, Causa interna e Origem são as menos recorrentes, com apenas 2% de frequência cada uma, conforme se verifica pela Tabela 3.

Tabela 3: Funções semânticas no padrão SVO

M		C		D		I		B		Q		V		U		O		P		Total	
n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
22	38	5	9	2	3,5	14	24,5	7	12	1	2	2	3,5	1	2	1	2	2	3,5	57	100

A ocorrência (11) é um exemplo prototípico de oração transitiva, com o padrão predominante SVO, estando o satélite em forma de sintagma preposicionado, com função de Modo.

(11) *Vocês poderiam descrever um prato diferente com todos os detalhes?*

(D2-POA-291:105)

A ocorrência (12), por outro lado, exemplifica um caso de satélite Qualidade (*como um homem que ainda não conseguiu se organizar socialmente nem politicamente*), uma das funções semânticas menos recorrentes. Na verdade, esse tipo de satélite assemelha-se a um aposto, ocorrendo, por isso, sempre próximo ao constituinte que qualifica, no caso, *o homem do paleolítico superior*.

(12) ... a gente vai pensar no homem do paleolítico superior ... como um homem que ainda não conseguiu se organizar socialmente nem politicamente... eles ainda vivem em BANDos.... ainda existe o individualismo marcado... (EF-SP-405:58)

Quanto ao fator **forma do constituinte**, os dados revelam que a maioria dos casos (69%) ocorre na forma de sintagma, conforme exemplifica (12) acima; já (13) é um exemplo de satélite adverbial.

(13) o indivíduo então fica/o organismo fica naquele estado que vocês conhecem de de indivíduo infectado/organismo infectado e não doente *que vai reagir positivamente à tuberculina...* então preDOminam os fatores de resistência do indivíduo... (EF-SSA-46:68)

Cruzando o fator forma² do constituinte com função semântica, os resultados são os que mostra a Tabela 4:

Tabela 4: Forma X Função semântica no padrão SVO

	B		C		I		U		M		V		Q		O		D		P		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
A	-	-	-	-	3	16,7	-	-	12	66,7	2	11	-	-	1	5,6	-	-	-	-	18	31
S	7	17,9	5	12,8	11	28,3	1	2,6	10	25,6	-	-	1	2,6	-	-	2	5,1	2	5,1	39	69
Total	7	12,2	5	8,8	14	24,5	1	1,8	22	38,6	2	3,5	1	1,8	1	1,8	2	3,5	2	3,5	57	100

A tabela revela que os satélites predominam em forma de sintagma na maioria das funções (Beneficiário, Companhia, Instrumento, Causa interna, Qualidade, Direção e Percurso).

² A= Advérbio
S = Sintagma preposicionado



Considerando-se, no entanto, cada função separadamente, observa-se que as funções de Beneficiário, Companhia, Causa interna, Qualidade, Direção e Percurso sempre se manifestam na forma de sintagma preposicionado; já Velocidade e Origem só ocorrem como advérbios. As funções Instrumento e Modo podem ocorrer nas duas formas. No entanto, Instrumento (79%) manifesta-se principalmente como sintagma e Modo (55%), como advérbio.

O resultado do cruzamento do fator forma com o fator posição do constituinte, está exposto na Tabela 5:

Tabela 5: Forma X Posição no padrão SVO

	I		I+1		I+2		V-2		V-1		V+1		V+2		F-2		F-1		F		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
A	1	5,3	-	-	-	-	-	-	-	-	15	78,9	-	-	-	-	1	5,3	2	10,5	19	33,5
S	6	15,8	-	-	-	-	1	2,6	1	2,6	6	15,8	2	5,3	-	-	5	13,2	17	44,7	38	66,5
Total	7	12,3	-	-	-	-	1	1,8	1	1,8	21	36	2	3,5	-	-	6	10,5	19	33,3	57	100

A tabela 5 revela que a posição preferida (78,9%) dos satélites que aparecem na forma de advérbio é a posição imediatamente depois do predicado, enquanto os que aparecem na forma de sintagma preferem (57,9%) posicionar-se no final da sentença, o que é explicado pelo Princípio de Complexidade Crescente, segundo o qual os constituintes preferem ser colocados em ordem de complexidade crescente (DIK, 1989), ou seja, os constituintes mais complexos tendem a ocupar as posições mais à direita da oração e, portanto, os menos complexos, as posições mais à esquerda.

Vendo por outro lado, ou seja, no sentido vertical, nota-se que as posições iniciais são preferencialmente preenchidas com constituintes sintagmáticos. As posições imediatamente pós-

verbal, por outro lado, tendem a ser preenchidas por constituintes adverbiais. Observa-se, no entanto, que quanto mais à direita da oração, ou seja, quanto mais para o final, mais predominam satélites em forma de sintagmas preposicionados, que também se explica pelo Princípio de Complexidade Crescente.

O cruzamento do fator função semântica com o fator posição encontra-se resumido na Tabela 6 a seguir.

Tabela 6: Posição X Função semântica no padrão SVO

	I		I+1		I+2		V-2		V-1		V+1		V+2		F-2		F-1		F		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
B	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	14	2	23	-	-	1	14	3	49	7	100
C	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	14	-	-	-	-	1	20	3	60	5	100
I	6	43	-	-	-	-	-	-	1	7	2	14	-	-	-	-	-	-	5	36	14	100
U	-	-	-	-	-	-	1	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100
M	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	16	73	-	-	-	-	2	9	4	18	22	100
V	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	50	-	-	-	-	-	-	1	50	2	100
Q	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100	1	100
O	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100	-	-	1	100
D	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	50	1	50	2	100
P	1	50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	50	2	100
T ³	7	12	-	-	-	-	1	2	1	2	21	37	2	3	-	-	6	11	19	33	57	100

³ Total em relação ao número de ocorrências desse padrão

Essa tabela mostra que a maioria das funções, com exceção de Causa interna, tende a ocorrer em posições finais da oração (F e F-1), principalmente na última posição. As funções de Instrumento e Modo, entretanto, não seguem esta tendência geral. Instrumento predomina (43%) em posição inicial e Modo (73%), em posição imediatamente posposta ao predicado.

4.1.2. Padrão de ordenação SV

No padrão de ordenação SV, a **posição** predominante, como mostra a Tabela 7, é a final, que engloba 69,3% das ocorrências. Deve-se observar, no entanto, que a posição final, neste padrão, é a posição imediatamente depois do predicado. A ocorrência (14) mostra o satélite Instrumento *com barro* logo após o verbo intransitivo *trabalhar*.

(14) Agora neste momento *eu vou trabalhar com barro* vou fazer minhas criações ou eu vou pintar um quadro... ou eu vou fazer ahh uma::.... Joia... certo?
(EF-SP-405:161)

Tabela 7: Posições no padrão SV

I		I+1		I+2		V-2		V-1		F-2		F-1		F		Total	
n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
-	-	-	-	-	-	5	19,2	-	-	-	-	3	11,5	18	69,3	26	100

Neste padrão de ordenação, as posições finais respondem por 80,8% do posicionamento dos satélites de predicado, como exemplifica (15), em que o satélite Modo (*acima de oitenta ou*

noventa de velocidade) ocupa a posição final da oração e Instrumento (*nem num outro carro*), a posição imediatamente anterior à final.

- (15) L1... porque viajar de kombi não é moleza viu?
 L2 não eu tô acost/ não prá mim tá bom porque é na minha média...*eu não viajo **nem num outro carro** acima de oitenta ou noventa...de velocidade...*a kombi dá prá fazer isso de modo que eu vou tranquilo...eu pretendo chegar sair daqui...sexta-feira de manhã prá poder estar no sábado em Belo Horizonte...tranquilo... (D2-SSA-98:120).

Observando a ocorrência (15), constatamos que a ordenação dos satélites obedece ao Princípio de Complexidade Crescente, já que o constituinte mais complexo segue o menos complexo.

A outra posição ocupada, com menor frequência, pelos satélites de predicado neste padrão é a imediatamente após o sujeito, como exemplificam (16) e (17). Nessa posição ocorrem as funções semânticas de Beneficiário em (16) e de Qualidade em (17) e (18).

- (16) *As coisas **para eles** ainda estão muito confusas* quer dizer... criar uma pessoa... ou criar uma imagem é mais ou menos a mesma coisa. (EF-SP-405:188)

- (17) Loc a diferença então é a experimentação
 Inf ah não é só a experimentação não... é mais ainda... a sociologia... que é ou que... dá entrega... concede... ao direito... as suas técnicas... que são as técnicas de outras ciências... entrega um instrumento realmente científico... por exemplo o pessoal de teoria geral do estado... *eles como estudiosos não estão preocupados... em colher uma amostragem* por exemplo...eles não estão preocupados... ah na maneira de fazer um questionário (EF-RE-337:215)

- (18) ...às vezes ou vez por outra... a gente tenta... se fazer... conseguimos um pouco ((risos))... João a:crescentou agora... nós tentamos depois que já é feito... ((intervenção de locutor acidental)) não é isso? então isso é muito sério... e a *responsabilidade de vocês... co:mo futu:ros profissionais do direito* ainda se torna maior... porque vocês de novo... vão estar com aquilo que é mais importante... que é o ordenamento jurídico... (EF-RJ-337:374)

No primeiro caso, a colocação do satélite Beneficiário nessa posição constitui um mecanismo para realçar esse constituinte, tornando-o Foco da oração. Já em (17) e (18), o valor semântico do satélite obriga sua colocação próxima ao constituinte ao qual qualifica, podendo segui-lo como é o caso dos exemplos; mas poderia perfeitamente antecipá-lo, como se vê nas paráfrases:

(17') ...*como estudiosos eles não estão preocupados... em colher uma amostragem....*

(18') *como futuros profissionais do direito a responsabilidade de vocês ainda se torna maior.*

A **função semântica** predominante nesse padrão também é a de Modo, com 39% das ocorrências, conforme exemplifica (19):

(19) Não, acho que não existe mais [o exame de admissão], *o estudante passa automaticamente*; passando nas matérias que estuda... (DID-SSA-231:854)

A Tabela 8 apresenta os resultados obtidos na análise do fator função semântica.

Tabela 8: Funções semânticas no padrão SV

M		C		D		I		B		Q		V		U		O		P		Total	
n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
10	39	1	4	-	-	3	11,5	5	19	2	7,5	-	-	2	7,5	-	-	3	11,5	26	100

A função de Beneficiário é a segunda mais recorrente, seguida por Instrumento e Percurso. Qualidade e Causa interna apresentam pouca frequência. (20) constitui a única ocorrência em que se manifesta o satélite Companhia.

- (20) L2 agora mesmo os cantadores Dimas Otacílio éh:: éh::...Dimas de São José do Egito Dimas Otacílio
 [
 L1 Tonhê
 L2 Lourival
 L1 também
 L2 *eles estão gravando com Lula Porto* acompanhados por Lula e por outro rapaz
 L1 onde é isso? em que lugar?
 [
 L2 estão gravando estão gravando na casa de Katia Mesel
- (D2-RE-05:854)

Deve-se ressaltar que, em nosso corpus, não foram constatadas as funções semânticas de Direção, Velocidade e Origem nesse padrão de ordenação.

Quanto à **forma do constituinte**, os resultados revelam que 85% das ocorrências apresentam-se como sintagmas preposicionados, conforme exemplifica (21); já (22) é um exemplo de satélite em forma adverbial.

- (21) às vezes ou vez por outra... a gente tenta... se fazer... conseguimos um pouco ((risos))... João acrescentou agora... nós tentamos depois que já é feito... ((intervenção de locutor acidental)) não é isso? então isso é muito sério... e a *responsabilidade de vocês... co:mo futu:ros profissionais do direito ainda se torna maior...* porque vocês de novo... vão estar com aquilo que é mais importante... que é o ordenamento jurídico...
- (EF-RE-337:374)

- (22) ...*se a mãe buzina mais brabamente* então é porque [o filho] está atrasado.
- (D2-SP-360:296)

O cruzamento do fator forma e função semântica estão resumidos na Tabela 9:

Tabela 9: Forma X Função semântica no padrão SV

	B		C		I		U		M		V		Q		O		D		P		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
A	-	-	-	-	-	-	-	-	4	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	100
S	5	22,7	1	4,6	3	13,6	2	9,1	6	27,3	-	-	2	9,1	-	-	-	-	3	13,6	22	85
Total	5	19,3	1	3,8	3	11,5	2	7,7	10	38,5	-	-	2	7,7	-	-	-	-	3	11,5	26	100

O que se observa é que todas as funções semânticas ocorrem apenas com sintagmas preposicionados, com exceção da de Modo que pode ocorrer tanto na forma de advérbio (40%) quanto na de sintagma preposicionado, preferindo (60%), no entanto, a última.

Tabela 10: Forma X Posição no padrão SV

	I		I+1		I+2		V-2		V-1		F-2		F-1		F		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
A	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	100	4	15
S	-	-	-	-	-	-	5	22,7	-	-	-	-	3	13,6	14	63,7	22	85
Total	-	-	-	-	-	-	5	19,2	-	-	-	-	3	11,6	18	69,2	26	100

O cruzamento do fator posição com forma do constituinte indica que advérbios tendem a ocorrer em posição final e apenas sintagmas se colocam antes do predicado, mas preferem também as posições finais.

A tabela revela ainda que em posição final predominam (81%) satélites em forma de sintagmas, já que, nas posições F-2, F-1 e F, temos, respectivamente, zero, três e 18 ocorrências,

o que totaliza, portanto, 21 ocorrências em posição final, havendo quatro em forma de advérbio e 17 em forma de sintagma em detrimento dos adverbiais (19%).

Os resultados do cruzamento do fator função semântica com posição estão resumidos na tabela 11:

Tabela 11: Posição X Função semântica no padrão SV

	I		I+1		I+2		V-2		V-1		V+1		V+2		F-2		F-1		F		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
B	-	-	-	-	-	-	3	60	-	-	-	-	-	-	-	-	1	20	1	20	5	100
C	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	100	1	100
I	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	33	2	67	3	100
U	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	100	2	100
M	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	100	10	100
V	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Q	-	-	-	-	-	-	2	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	100
O	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
D	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
P	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	33	2	67	3	100
T	-	-	-	-	-	-	5	19							-	-	3	12	18	69	26	100

Nota-se que, neste padrão, as funções Companhia, Instrumento, Causa interna, Modo e Percurso ocorrem apenas em posição final. Qualidade aparece em posição anterior ao predicado, e Beneficiário, apesar de ocorrer em posição final (40%), predomina em posição anterior ao predicado.

4.1.3. Padrão de ordenação VS

Quanto ao padrão VS, os dados não nos permitem maiores generalizações, uma vez que só houve uma ocorrência, expressa em (23):

- (23) L1 na minha casa também porque... saem... ahn::cinco (crianças)... **comigo** de
 manhã
 L2 ahn
 L1 às sete horas (D2-SP-360:142)

Essa única ocorrência é um satélite de Companhia (*comigo*) que aparece na forma de pronome, em posição anterior à final (F-1), já que a final está ocupada pelo satélite Tempo *manhã*.

Em uma análise mais atenta do predicado *sair* da ocorrência (23), nota-se que não se trata de uma construção existencial/apresentacional VS, mas sim de um EsCo de Ação com sujeito posposto ao predicado. Isso nos permite afirmar que satélites de predicado dificilmente ocorrem em construções VS existenciais/apresentacionais.

4.1.4. Tipos de satélites de predicado

Os resultados obtidos da análise dos três padrões de ordenação nos permitem traçar algumas tendências de cada tipo de satélite de predicado. Para isso, tomaremos apenas os padrões SVO e SV, já que VS não é receptivo a esses constituintes.



Os dados, resumidos na Tabela 12, mostram que ocorrem, em nosso *cópus*, todas as funções semânticas mencionadas por Dik *et al* (1990): Beneficiário, Companhia, Instrumento, Causa interna, Modo, Velocidade, Qualidade, Origem, Direção e Percurso. Além disso, das 84 ocorrências analisadas, a função predominante é a de Modo com 38% dos casos, como em (24).

(24) ...o meu problema é o seguinte... é que *eu desprezo totalmente o dinheiro*...
(D2-RJ-355:45)

Tabela 12. Função semântica

M		I		B		C		P		Q		U		D		V		O		Total	
n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
33	38	17	20,2	12	14,2	7	8	5	6	3	3,5	3	3,5	2	2,5	2	2,5	1	1,2	84	100

4.1.4.1. Satélite Modo

A função Modo, como visto no capítulo 2, segundo Dik *et al* (1990), indica a maneira pela qual uma Ação é executada, uma Posição é mantida, ou pela qual um Processo ocorre.⁴

Os resultados nos permitem afirmar que a posição natural para Modo é a imediatamente pós-verbal (V+1), já que no padrão SVO ocorre (73%) em V+1 e no padrão SV, em posição final (100%). Lembramos, no entanto, que a posição final neste padrão é a posição imediatamente depois do predicado.

⁴ Note que Ação na Gramática Funcional é o EsCo [+din, +con]; Posição é o EsCo [-din, +con] e Processo, por sua vez, é o EsCo [+din, -con].



Além disso, o satélite Modo predomina em forma de advérbio no padrão SVO (54,5%), antecedendo o complemento verbal, conforme exemplifica (25).

- (25) ...que dizer ou *a mulher se dedica **inteiramente** à carreira* ou aí...co/com prejuízo dela como mãe como dona de casa... (D2-SP-360:669)

No entanto, pode aparecer na posição final em forma de sintagma, conforme exemplifica (26) a seguir; o que pode ser explicado pelo Princípio de Complexidade Crescente, já que, sintagmas são mais complexos que advérbios. Notamos que em (26), as posições podem até serem alteradas, mas haveria também alteração pragmática, uma vez que o satélite se tornaria o Foco da oração, o que acarretaria também alteração prosódica, como se verifica em (26'):

- (26) *Vocês poderiam descrever um prato diferente **com todos os detalhes***?
(D2-POA:291:105)

- (26') Vocês poderiam descrever **com todos os detalhes** um prato diferente?

No padrão SV, no entanto, essa função predomina (60%) em forma de sintagma, em posição final da oração que geralmente recebe os constituintes mais complexos, conforme a ocorrência (27).

- (27) *Doc. quais as posições que a senhora nadava..., assim que modalidades?*
*Inf. éh:: ocrow... peito... né? **a gente nada de costas** também...*
(DID-POA- 45:338)



Isso nos permite concluir que em forma adverbial Modo tende a ocorrer imediatamente depois do predicado e em forma de sintagma, em posição final da oração.

4.1.4.2. Satélite Instrumento

Conforme definido anteriormente, segundo Dik *et al* (1990), **Instrumento** especifica a “ferramenta” com a qual alguma Ação é executada ou uma Posição é mantida. Assim, esse satélite requer um EsCo [+controlado] na predicação nuclear.

A tabela 12, anteriormente apresentada, mostra que essa é a segunda função mais recorrente dos satélites de predicado, 20,2% dos casos, como exemplifica (28).

(28) ...*ele segue o salário dos jogadores através da revista Placar...*

(D2-SP-360:1324)

Instrumento tende a ocorrer em posição final, como em (28), em que *através da revista Placar* está posposto ao complemento *o salário dos jogadores*.

Instrumento pode preencher ainda a posição pós-verbal, como exemplifica (29).

(29) ...quando o aluno for capaz de inferir a partir daquela comunicação, ele está já com o nível de extrapolação nós podemos dar um outro exemplo ainda eu posso representar, graficamente, o resultado dessa turma em diferentes disciplinas, (es)tá? então, aqui tem, tem uma disciplina assim, uma outra que seja lá em cima, vocês nem tem tantas assim, em todo caso, *eu represento graficamente uma comunicação*, isto aqui, em que nível estaria aí? ... é, compreensão, mas estaria na dentro dentro da subcategoria em translação, por quê?

(EF-POA-278:140)

O satélite *graficamente* da ocorrência acima, em uma primeira análise, poderia ser classificado como satélite Modo, já que somos induzidos a essa classificação por causa da terminação em *-mente*. Entretanto, em uma análise mais atenta, nota-se que esse constituinte pode ser parafraseado por:

(29') ... eu represento **por meio de um gráfico** uma comunicação...

que especifica a ferramenta com a qual a ação ocorre e não por:

(29'') ... eu represento **de um modo gráfico** uma comunicação...

Nota-se, em (29), que a colocação desse constituinte nessa posição constitui uma estratégia para ressaltá-lo, sem, no entanto, estabelecer um contraste entre ele e alguma outra informação. Podemos dizer, portanto, que esse constituinte exerce a função pragmática de Foco Novo. Segundo Dik 1997, Foco Novo ou Completivo apresenta a informação nova e não envolve nenhum contraste entre partes da informação.

Essa estratégia de focalização é diferente da que ocorre quando esse satélite se coloca em posição inicial, o que acontece com bastante frequência, conforme (30).

(30) ...o teste tuberculínico também serve para eh: esclarecer como vocês viram o: exame radiológico *então através do teste tuberculínico nós eh:: identificamos se aquela lesão que apareceu na radiografia é realmente de tuberculose ou não...* a localização da tuberculose... (SSA-EF-46:164)

Nesse caso, há também o processo de focalização, mas, ao mesmo tempo, estabelece-se um contraste entre a informação explícita (*teste tuberculínico*) e outra pressuposta, podendo ser parafraseado por:

- (30') ... então **só através do teste tuberculínico** (e não de outro teste) nós eh:: identificamos se aquela lesão que apareceu na radiografia é realmente de tuberculose ou não...

O satélite *através do teste tuberculínico* exerce a função pragmática de Foco Contrastivo (Pressuposicional). Conforme vimos no início deste capítulo, segundo Dik (1997a) Foco Contrastivo envolve algum tipo de contraste entre o constituinte focalizado e as informações alternativas que podem ser explícita ou implicitamente apresentadas. No caso de (30), a informação pressuposta não foi apresentada, ficando, portanto, subentendida.

Notamos o processo de focalização também no padrão SV, na única ocorrência em forma de sintagma em posição anterior à final, apresentada em (31). Nesse caso, o satélite *nem num outro carro* é ressaltado, pois carrega a informação nova, considerada pelo falante importante para o ouvinte acrescentar à sua informação pragmática.

- (31) ... porque viajar de kombi nao é moleza viu?
L2 nao eu tô acost/ nao prá mim tá bom porque é na minha média...*eu não viajo **nem num outro carro** acima de oitenta ou noventa...de velocidade...*a kombi dá prá fazer isso de modo que eu vou tranquilo...eu pretendo chegar sair daqui...sexta-feira de manha prá poder estar no sábado em Belo Horizonte...tranquilo... (D2-SSA-98:120)

Tanto em (29) quanto em (30) e em (31), os constituintes obedecem ao Princípio de Relevância Pragmática, que postula que os constituintes com funções pragmáticas tendem a ocupar posições especiais na oração.

Isso nos permite concluir que a final é a posição natural para Instrumento e que ocupa a posição inicial apenas quando exerce a função pragmática de Foco Contrastivo, já que quando desempenha a função pragmática de Foco Novo, vai para outras posições que não a final.

É importante ressaltar o fato de esse tipo de satélite poder se apresentar em forma de advérbio, como verificado em (29), o que nunca foi mencionado na literatura sobre o assunto.

4.1.4.3 Satélite Beneficiário

Conforme visto, segundo Dik *et al* (1990), Beneficiário é a pessoa ou instituição em benefício de quem ou contra o interesse de quem o EsCo é efetuado.

Esta função apresenta uma peculiaridade, que é a de poder se apresentar em forma pronominal, conforme se observa em (32) e em (33), em que o clítico *me* representa a entidade que se beneficiará com a execução do EsCo expresso na predicação.

(32) eu gostaria que vocês já me dissessem, partindo do que já foi falado, que nós usamos aí, é mais ou menos de maneira imprecisa se diz, e faz um resumo de tal situação, *me faz um resumo de tal situação...* (EF-POA-278:254)

(33) L1 bom... o que... o que acontece é o seguinte... eu queria fazer a viagem e de um modo geral não dispendeu os doze mil cruzeiros que eu tinha que depositar... esse... então... numa empresa de... dessas de turismo... me ofereceram que eu fosse por uma determinada companhia... que eles conseguiriam o empréstimo no... no... Banco do Estado da Guanabara para que eu fizesse o depósito de doze mil cruzeiros e que a coisa sairia em dois ou três dias... então sendo assim... tive que optar por uma companhia... não era a que eu pretendia ir... pretendia ir na Varig... acabei indo pela Lufthansa... *porque pela Lufthansa eles me conseguiam isso rapidamente* porque havia um... um qualquer... um: entendimento entre o gerente da Lufthansa e do... e do... gerente do ...

(D2-RJ-355:182)

Esse tipo de ocorrência é relativamente recorrente (16,7%) em nossos dados. Nesses casos, o satélite Beneficiário aparece sempre na forma de pronome de primeira pessoa “me” e imediatamente anteposto ao predicado.

Devemos ressaltar que, apesar da considerável frequência desse tipo de manifestação dos satélites Beneficiário, eles foram descartados de nossa análise, uma vez que, por serem clíticos, colocam-se sempre ao redor do predicado, o que poderia camuflar os dados referentes à posição dos satélites de predicado.

Nas ocorrências analisadas, Beneficiário manifesta-se somente na forma de sintagma preposicional, nunca na de advérbio. Além disso, tende a ocorrer em posição final, conforme exemplifica (34), o que sugere ser essa a posição mais natural para esse satélite.

- (34) quer dizer eu tive pouco tempo eu estudei acho que uns três anos balê três ou quatro... e não tive assim apresentação em teatros nem nada... depois eu larguei mas nessa vez que o Balê Russo veio para cá que *nós fomos fazer fundo com eles para eles...* eu achei aquilo me chocou ... sei lá eu achei... por detrás dos bastidores uma coisa medonha uma baGUNça treMENda... aquelas cenas que eles mudam rapidamente quer dizer é um assunto de agente trabalhar né? ... e atrapalhar também... (DID-SP-234:285)

Beneficiário pode ocorrer ainda imediatamente após o predicado (V+1), conforme exemplifica (35). Nessa ocorrência, o satélite *pra vocês* aparece anteposto ao complemento verbal (*algumas apostilas com esquemas mais modernos de alimentação*) que é mais complexo, o que se explica pelo Princípio de Complexidade Crescente.

- (35) ...eu não vou falar mais sobre a medicação porque *eu trouxe pra vocês algumas apostilas com os esquemas mais modernos de alimentação...* depois eu vou distribuir aí pra vocês... então nós temos eh: de doentes/ doentes vi/ de vt e os de/de crianças e tratamento de segunda linha depois que dou pra vocês.. (SSA-EF-46:205)

Esse princípio também explica a ocorrência de Beneficiário em posição não-final (F-1), em (36), já que a final é preenchida por um constituinte mais complexo, a oração *como se dá o contágio*.

- (36) agora eu vou mostrar aqui **pra** vocês *como se dá* – *ih:: esse fio (es)tá me atrapalhando – como se dá o contágio....* (SSA-EF-46:52)

No entanto, quando exerce a função pragmática de Foco da oração, ao estabelecer um contraste com outra informação pressuposta, esse constituinte assume posições anteriores ao predicado, como se pode observar em (37) e sua paráfrase em (37'):

- (37) ...mas isto **pra** vocês, *basicamente, serve*, basta que vocês me digam que que é compreensão (EF-POA-278:98)

- (37') ... mas isto **pra** vocês (*e não para outros alunos*), *basicamente, serve*, basta que vocês me digam que que é compreensão (EF-POA-278:98)

4.1.4.4. Satélite Companhia

A função Companhia, conforme Dik *et al* (1990), especifica a entidade junto à qual o EsCo é efetuado.

O satélite Companhia é a quarta função mais recorrente e também aparece em sua maioria na forma de sintagma e em posição final, tanto no padrão SVO, como exemplifica (38), quanto no padrão SV, exemplificado em (39). Isso indica que a última posição da oração é a posição natural de Companhia.



(38) ... a indústria têxtil ainda... da não só artesanal... mas indústria têxtil de uma forma em geral... bom... então *nós vamos.. situar o Japão tendo perdido a guerra... **junto com os demais países do eixo...*** e constatar que não foi por acaso que os três se reergueram depois da guerra... (EF-RJ-379:338)

(39) L2 ... agora mesmo os cantadores Dimas Otacílio éh:: éh::...Dimas de São José do Egito Dimas Otacílio

[

L1 Tonhê

L2 Lourival

L1 também

L2 *eles estão gravando com **Lula Porto*** acompanhados por Lula e por outro rapaz

L1 onde é isso? em que lugar?

[

L2 estão gravando estão gravando na casa de Katia Mesel

(D2-RE-05:222)

Há, porém, no padrão SVO, uma ocorrência em posição imediatamente pós-verbal, apresentada em (40), que se explica pela função pragmática Foco desempenhada pelo satélite, já que contrasta duas partes de informação oferecida pelo falante: *com a turma* e *sozinha*, expressa na oração anterior:

(40) *Doc.* algumas brincadeiras interessantes de praia?

Inf. de praia? deixa eu ver..., agora eu estou muito *sozinha* lá na praia... quando *a gente ia com a TURma* lá no SESC... (DID-POA-45:252)

4.1.4.5. Satélite Percurso

Conforme Dik *et al* (1990), a função Percurso designa o trajeto, o caminho de um movimento.



O satélite Percurso, em nossos dados, ocorre na forma de sintagma em posições finais, tanto no padrão SVO quanto no SV, conforme exemplificam (41) e (42) respectivamente. Isso nos permite inferir que as posições à direita da oração são a posição natural desses satélites.

- (41) Vocês já sabem qual é o agente causador da tuberculose [siperp] bacilo de Kock também chamado como? Micro não micobacterium tuberculoses então mico.... bacterium... tuberculoses... ou bacilo de Kock porque vocês viram que foi Kock quem conseguiu isolar o bacilo/PORtas de entrada do germe *o germe pode penetrar no nosso organismo... pela via respiratória que é a mais comum via digestiva bucofaríngea pela mucosa...* hein? Pele mucosa e também pode haver a transmissão por via placentária... não é comum a literatura registra apenas 50 casos mais ou menos dessa transmissão por via placentária então vocês vêem a tuberculose não é hereditária... (SSA-EF-46:33)
- (42) ...o indivíduo continua naquele estado de indivíduo infectado não-doente agora o organismo/o indivíduo pode permanecer infectado ou pode adoecer se ele adoecer eu chamo bem a atenção de vocês sobre isso se ele adoecer *isso pode ocorrer por dois mecanismos... pra o/ para o indivíduo entendeu?! Eh::* adoecer isso pode acontecer por dois mecanismos por reativação do foco inicial... ou re-infecção endógena.... o aparecimento de um novo foco ou re-infecção isógena [ipsógena]... (SSA-EF-46:90)

Em (42), o preenchimento da posição anterior à final pelo satélite Percurso pode ser explicado pelo princípio de Relevância Pragmática, já que o sintagma *por dois mecanismos* traz a informação nova que deve, assim, ser ressaltada. Percurso é, dessa forma, o Foco Novo, conforme a paráfrase em (42'):

- (42') ... isso pode ocorrer para o indivíduo **por dois mecanismos...**

Já a ocorrência expressa em (43), mostra que, quando exerce a função pragmática de Foco Contrastivo, Percurso se coloca em posição inicial. É contrastivo porque opõe o percurso *dai pra frente* com outros subentendidos.

- (43) ...qual é o pior...horário...dessa saída da cidade...de manhã?
 L1 bom...o pior horário...de saída...da cidade de manha...
 L2 fica mais ou menos entre SEis e oito horas né?
 L1 não de seis ainda sai bem...mas entre sete...até umas oito e meia...é a
 pior...hora de saída...primeiro porque você pega o congestionamento na área urbana
 ainda...desde a Barra Centenário essa área de colégios etc...e **daí prá frente** você
 vai pegando...a:....a Barros Reis um pedaço da Barros Reis hoje Heitor Dias né?...e:
 há muita () (D2-SSA-98:12)

4.1.4.6. Satélite Qualidade

A função de Qualidade, segundo Dik *et al* (1990), designa o papel, função ou autoridade em virtude da qual uma Ação é executada, ou uma Posição é mantida; essa função requer um EsCo [+controlado].

O satélite Qualidade manifesta-se, como não poderia deixar de ser, sempre em forma sintagmática e apresenta uma peculiaridade que é a de não ter uma posição preferida, pois se posiciona imediatamente depois do constituinte que modifica. Na verdade, como já mencionado, esse tipo de satélite assemelha-se a um aposto, ocorrendo, por isso, sempre próximo ao constituinte que qualifica.

A ocorrência (44) é um caso do padrão SVO em que o satélite Qualidade (*como um homem que ainda não conseguiu se organizar socialmente nem politicamente*) modifica o objeto (*o homem do paleolítico superior*), ocupando, portanto, a posição posposta a ele, que é a posição final.

- (44) ... agente vai pensar no homem do paleolítico superior ... **como um homem que ainda não conseguiu se organizar socialmente nem politicamente**... eles ainda vivem em BANDos.... ainda existe o individualismo marcado... (EF-SP-405:58)

Já (45), é uma ocorrência do padrão SV em que o satélite Qualidade modifica, isto é, qualifica o sujeito (*eles*), ocorrendo, assim, imediatamente após esse constituinte e, portanto, anterior ao predicado.

- (45) Loc a diferença então é a experimentação
 Inf ah não é só a experimentação não... é mais ainda... a sociologia... que é ou que... dá entrega... concede... ao direito... as suas técnicas... que são as técnicas de outras ciências... entrega um instrumento realmente científico... por exemplo *o pessoal de teoria geral do estado... eles como estudiosos não estão preocupados... em colher uma amostragem por exemplo...eles não estão preocupados...* ah na maneira de fazer um questionário (EF-RE-337:215)

Nada impede, no entanto, que, nesse caso, esse constituinte se posicione antes do sujeito, como se pode observar na paráfrase (45').

- (45') ... *como estudiosos eles não estão preocupados... em colher uma amostragem por exemplo..*

4.1.4.7. Satélite Causa interna

A função semântica de Causa Interna, como definido por Dik *et al* (1990), especifica a entidade apresentada como causadora de um Processo.

Em nossos dados, o satélite Causa interna aparece somente na forma de sintagma em posição final da oração, conforme exemplificado em (46).

- (46) ...ora a maneira do homem pré-histórico era... Basicamente eu preciso comer... e eu preciso me esquentar na medida do possível... certo?...então a arte pré-histórica só vai poder refletir:... então a arte Vai nascer:: **em função dessa Necessidade... de se**

manter vivo... necessidade que vai se caracterizar de forma PRINCIPAL em termos de comida... isto é de caça... (EF-SP-405:115)

4.1.4.8. Satélite Velocidade

Velocidade, como vimos, segundo Dik *et al* (1990), indica a quantidade de Ação/Processo ocorrida por unidade de tempo.

Os satélites Velocidade ocorrem somente em forma adverbial, tanto em posição final, conforme a ocorrência (47), quanto em posição imediatamente pós-verbal como exemplifica (48).

- (47) L1 bom... o que... o que acontece é o seguinte... eu queria fazer a viagem e de um modo geral não dispendeu os doze mil cruzeiros que eu tinha que depositar... esse>... então... numa empresa de... dessas de turismo... me ofereceram que eu fosse por uma determinada companhia... que eles conseguiriam o empréstimo no:... no:... Banco do Estado da Guanabara para que eu fizesse o depósito de doze mil cruzeiros e que a coisa sairia em dois ou três dias... então sendo assim... tive que optar por uma companhia... não era a que eu pretendia ir... pretendia ir na Varig... acabei indo pela Lufthansa... porque pela Lufthansa *eles me conseguiam isso rapidamente* porque havia um... um qualquer... um: entendimento entre o gerente da Lufthansa e do... e do... gerente do ... (D2-RJ-355:181)

Nota-se, em (47), que o satélite *rapidamente* refere-se ao predicado *conseguir*, pois a obtenção do empréstimo é que foi rápida. O satélite aparece posposto ao complemento verbal (*isso*), que é menos complexo que o advérbio *rapidamente*, pelo menos em termos de número de sílabas.

Em (48) a seguir, entretanto o satélite Velocidade posiciona-se imediatamente após o predicado *aprender*, pois, caso contrário, acarretaria uma outra interpretação, ou seja, a de que *a leitura* e não *a aprendizagem* é que foi rápida, como demonstra a paráfrase (48'):

(48) ...agora na escola *ele aprendeu rapidamente a ler*... e começou a ler livros que nós tínhamos lido para ele não é? (D2-SP-360:1450)

(48') ...agora na escola *ele aprendeu a ler rapidamente*...

Isso nos permite inferir que Velocidade pode distanciar-se de seu predicado, desde que isso não gere ambigüidade.

4.1.4.9. Satélite Direção

Direção, conforme Dik *et al* (1990), designa o ponto terminal de um movimento, portanto, só ocorre em EsCo [+din].

Os satélites de Direção aparecem somente em forma de sintagmas e em posições finais da oração. A ocorrência (49) exemplifica um caso de satélite Direção em posição final e (50), um caso na posição anterior à final.

(49) ...o que acontece é o seguinte hoje em dia...prá você ir por...nós vamos por exemplo todo doa a Camaçari...já é hoje em dia uma viagem...é assunto mesmo de:...de:... praticamente a gente nao sair da cidade mas...viaja que nao é brinquedo hoje mesmo *eu fiz uma viagem daqui prá Camaçari* ...que parecia que eu tinha ido quase a:...Feira de SanTana...devido ao/ à incidência de tráfego que existe...devido exatamente ha: às interrupções que existem na cidade...de buracos escavações...de:...enfim de interrupÇOES de toda ordem...

(D2-SSA-98:4)

(50) ... às vezes *agente dá uma fugidinha até a casa dele* bater um papinho...

(DID-POA-45:171)

Na ocorrência (49), o satélite de Origem *daqui* antecede o sintagma de Direção *prá Camaçari*, obedecendo a dois princípios de ordenação: (i) o Princípio de Ordenação Icônica, pois, conforme De Lancey (1981), o fluxo de atenção natural corre da origem para meta (Direção), ou seja, é mais natural indicar-se a origem para depois estabelecer a direção e (ii) o Princípio de Complexidade Crescente, já que os constituintes mais complexos tendem a se colocar pospostos aos menos complexos, ocupando, assim, as posições mais à direita da oração.

O Princípio de Complexidade Crescente também explica o preenchimento da posição anterior à final em (50), pois a posição final está ocupada por um sintagma extremamente complexo: um satélite de nível 2 de Propósito em forma de oração (*bater um papinho*).

4.1.4. 10. Satélite Origem

A função semântica de origem, como já mencionado, designa o ponto de origem de um movimento, ocorrendo, portanto, apenas em EsCo [+din].

Há somente uma ocorrência do satélite Origem (*daqui*) e esta aparece, à primeira vista, na forma de advérbio. Em uma análise mais atenta, no entanto, notamos que esse satélite é, na verdade, um sintagma adverbial constituído da preposição “de”, marcadora da função Origem, e do advérbio “aqui”.

Esse satélite ocupa a posição anterior à final, conforme verificamos em (51), pois o sintagma de Direção *prá Camaçari*, mais complexo que o adverbial *daqui*, está na posição final,

conforme anteriormente explicado. Como mencionamos, isso é explicado por dois princípios: (i) o Princípio de Complexidade Crescente, pois o advérbio *daqui* é menos complexo que o sintagma *prá Camaçari* e (ii) o Princípio de Ordenação Icônica: uma vez que sempre se indica origem para depois se estabelecer a Direção.

- (51) ...o que acontece é o seguinte hoje em dia...prá você ir por...nós vamos por exemplo todo do a Camaçari...já é hoje em dia uma viagem...é assunto mesmo de:...de:... praticamente a gente nao sair da cidade mas...viaja que nao é brinquedo hoje mesmo *eu fiz uma viagem daqui prá Camaçari* ...que parecia que eu tinha ido quase a:...Feira de SanTana...devido ao/ à incidência de tráfego que existe...devido exatamente ha: às interrupções que existem na cidade...de buracos escavações...de:...enfim de interrupÇÕES de toda ordem...

(D2-SSA-98:4)

Esses são os satélites de predicado encontrados no corpus analisado. De modo geral, posicionam-se em final de oração, mas podem se alocar em outras posições motivados por necessidades pragmáticas, como a função pragmática de Foco.

É interessante observar que o tipo de Foco também determina a posição assumida por esses constituintes, ou seja, como Foco Novo (ou Completivo) ocupa posições intermediárias na oração (nem inicial, nem final), conforme exemplificado em (31) e como Foco de Contraste posiciona-se sempre no início de oração, isto é, na primeira posição, como visto na ocorrência (30). As ocorrências (31) e (30) estão apresentadas novamente respectivamente:

- (31) ... porque viajar de kombi nao é moleza viu?

L2 nao eu tô acost/ nao prá mim tá bom porque é na minha média...*eu não viajo nem num outro carro acima de oitenta ou noventa...de velocidade...* a kombi dá prá fazer isso de modo que eu vou tranquilo...eu pretendo chegar sair daqui...sexta-feira de manha prá poder estar no sábado em Belo Horizonte...tranquilo... (D2-SSA-98:120)

- (30) ...o teste tuberculínico também serve para eh: esclarecer como vocês viram o: exame radiológico *então através do teste tuberculínico nós eh:: identificamos se aquela lesão que apareceu na radiografia é realmente de tuberculose ou não...* a localização da tuberculose... (SSA-EF-46:164)

Os satélites de predicado manifestam-se por meio de sintagmas (73%) e apenas três tipos ocorrem em forma adverbial: Instrumento, Modo e Velocidade. Beneficiário é o único tipo que admite a forma pronominal.

4.2. A propriedade Modo

O levantamento dos dados, conforme já observado, revelou a existência de algumas ocorrências em que a retirada do constituinte adverbial afeta a integridade do EsCo e, conseqüentemente, a gramaticalidade da oração, como se verifica em (52), cuja paráfrase em (52') indica que o sentido de “fornecer um bom salário” se perde, e a predicação assume um outro valor semântico, o de “pagar alguém”, como em (53):

- (52) .. se o governo tem pouco dinheiro... se ele diz... *dentro da educação o que é importante? Pagar bem...* para que eu possa ter uma mão de obra qualificada. (D2-RJ-355:1626)

- (52') ... *dentro da educação o que é importante? Pagar ...* para que eu possa ter uma mão de obra qualificada ...

(53) ... então *ele paga bem ao professor* e dá a ele um galpão. (D2-RJ-355:1629)

(53') ... então *ele paga ao professor* e dá a ele um galpão.

A paráfrase de (53), expressa em (53'), por outro lado, mostra que a retirada do advérbio *bem* não altera a integridade do EsCo, diferentemente do que ocorre em (52). Isso indica que o advérbio *bem* pode tanto ser opcional, como em (53), quanto obrigatório, como em (52). Em (53), esse advérbio tem a função de satélite de nível 1, que indica a maneira pela qual uma Ação⁵ é executada, uma Posição é mantida ou pela qual um Processo ocorre. Já em (52), esse constituinte é obrigatório, contribuindo, então, para a integridade do EsCo.

O mesmo se pode dizer com relação ao advérbio *mal*. Em (54), sua subtração desencadeia a agramaticalidade da oração, como se verifica em (54')

(54) ...na minha casa por exemplo, se come verdura, eu como, minha mulher come, meus filhos adoram, principalmente o guri, *agora o brasileiro, em princípio, eu acho que come muito mal...* (D2-POA-291:15)

(54') ? ... *agora o brasileiro, em princípio, eu acho que come ...*

Na verdade, estruturas como *pagar bem* (cf. 52) e *comer mal* (cf. 54), constituem uma lexia, ou seja, o conjunto verbo+advérbio forma um predicado “composto” que é aplicado a um único termo, formando uma construção intransitiva.

Em (54), esse conjunto aplicado ao termo *brasileiro* constrói uma predicação significando que o “brasileiro se alimenta inadequadamente”. Em (55), o conjunto *comer bem* tem o

⁵ Ver Capítulo 1, seção 1.3.



significado de “alimentar-se adequadamente” e se aplica ao termo *tu*; no entanto, esse conjunto pode ainda significar “comer uma grande quantidade”, com em (56) e sua paráfrase (56’):

(55) ... Doc.: Vocês acham que o brasileiro se alimenta bem em geral?

Inf.: depende que área, brasileiro norte ou brasileiro do sul? Por exemplo, que o eu acho que *tu comes bem na tua casa...* (D2-POA-291:3)

(56) ele come bem

(56’) ... ele come muito...

Desse modo, a análise dos dados nos mostra claramente que os advérbios *bem* e *mal* podem ter duas funções na estrutura subjacente da oração: a de constituinte opcional e a de constituinte obrigatório. Trataremos agora desses últimos.

A Teoria da Gramática Funcional, conforme proposta por Dik (1989, 1997a e 1997b), não trata dessa questão, ou seja, não reserva um “slot” para este tipo de constituinte dentro da predicação.

A resposta para essa questão, no entanto, pode ser encontrada na Teoria da Gramática Funcional do Discurso (doravante GFD), proposta por Hengeveld (2004a).

A GFD considera três níveis de análise das expressões linguísticas: 1) nível interpessoal, relacionado à pragmática; 2) nível representacional, relacionado à semântica e 3) nível de expressão.

O nível interpessoal apresenta o *move* (M) como uma de suas unidades de análise. O *move* é definido por Kroon (1997) “como a unidade livre mínima do discurso capaz de participar em uma estrutura de interação”. Um único *move* pode conter mais de um ato discursivo, que segundo Kroon (idem) “consiste na menor unidade identificável do comportamento comunicativo”. Cada

ato discursivo se organiza com base num esquema ilocucionário (ILL), que contém dois participantes (P), o Falante e o Ouvinte (S, A), e o conteúdo comunicado com seus argumentos. O conteúdo comunicativo contém um número variável de atos atributivos (A) e referenciais (R). É preciso ressaltar que as duas últimas unidades são operacionais na mesma camada, isto é, não há relação hierárquica entre elas. Em geral, no nível interpessoal, as unidades são analisadas em relação à função comunicativa delas.

O nível interpessoal é representado como segue:

$$(M_1: [(A_1: [ILL (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1) (R_1)] (C_1))] (A_1))] (M_1))$$

No nível representacional, as unidades lingüísticas são descritas em termos do tipo de entidade que elas designam. Esses tipos de entidades são de diferentes ordens: entidades de terceira ordem ou conteúdos proposicionais (p); entidades de segunda ordem ou estados de coisas (e); entidades de primeira ordem ou individual (x); e entidades de ordem zero ou propriedades (f). Em narrativas, por exemplo, proposições podem ser acopladas a episódios (ep). Hengeveld e Machenzie (2004) assinalam que as unidades de primeira ordem e de zero ordem pertencem à mesma camada, isto é, não há relação hierárquica entre elas.

A estrutura hierárquica do nível representacional está apresentada a seguir:

$$(p_1: [(c_1: [(f_1) (x_1)] (e_1))] (p_1))$$

A representação do nível da expressão é a seguinte :

$$(Para_1: [(S_1: [(C_1: [(PrP_1: [(Lex_1)] (PrP_1)) (RP_1: [(Lex_2)] (RP_1))] (C_1))] (S_1))] (Para_1))$$

T. 1500/06



Esta é uma representação da estrutura de constituinte que começa no nível do parágrafo (*paragraph* - Para), que pode consistir em uma ou mais sentenças (*sentences* - S), sendo que cada uma dessas pode conter uma ou mais orações (*clauses* - Cl), as quais podem conter um ou mais sintagmas predicacionais (*predicate phrases* - PrP) e sintagmas referenciais (*referential phrases* (RP)). Cada um desses sintagmas pode conter um ou mais lexemas (Lex).

É importante notar que, conforme afirmam Mackenzie e Gómez-González (2004, p.7), o nível da expressão corresponde ao que, na produção de Levelt (1989), é o produto da codificação gramatical e fonológica. A articulação, na sua etapa final, não é um nível dentro da gramática, mas uma produção própria da gramática.

Uma diferença entre a teoria descrita por Hengeveld (1989, 1997) e a teoria da Gramática Funcional do Discurso (2004), mais recente, é a presença do nível estrutural no modelo. O fator motivante para a introdução deste nível é a existência de expressões *meta-lingüísticas* ou *linguagem reflexiva*.

Inicialmente, na teoria descrita por Hengeveld, os três níveis de interação: interpessoal, representacional e o da expressão interagem com o componente cognitivo e com o componente comunicativo. O componente cognitivo representa o conhecimento de longo prazo do falante, tal como sua competência comunicativa, seu conhecimento de mundo e sua competência lingüística. O falante utiliza esse componente em cada um dos três níveis. Já o componente comunicativo, por outro lado, representa a informação lingüística de curto prazo do discurso precedente e a não-lingüística, informação perceptual obtida a partir da situação de fala. O componente comunicativo é alimentado pelos níveis interpessoal e da expressão e alimenta o nível representacional, a fim de permitir referências posteriores a atos e expressões anteriores.

Com o desenvolvimento da teoria, Hengeveld (2004b) acrescenta ao novo modelo três novos componentes. Assim, a implementação dinâmica da GFD requer uma “força propulsora”

que desencadeia a produção de uma expressão linguística. Esta força é encorpada pelo componente conceptual, dentro do qual as intenções comunicativas desenvolvem e combinam com conceptualizações apropriadas. O componente conceptual não é parte do modelo gramatical, mas na língua real costuma servir como um desencadeador para que a gramática opere. Dentro do componente conceptual há uma importante distinção entre intenções comunicativas por um lado, e conceptualizações por outro. Isso é refletido no nível gramatical na presença dos níveis interpessoal e representacional.

Assim, no novo modelo proposto, os principais componentes são: componente conceptual, contextual, gramatical e acústico. O componente gramatical abarca os níveis interpessoal, representacional e estrutural. Dessa forma, o componente conceptual orienta o componente gramatical, ambos se referindo à formulação dos níveis interpessoal e representacional; a representação subjacente resultante desta operação é codificada no nível estrutural; e as escolhas do interpessoal juntamente com a configuração estrutural determinam as propriedades fonéticas da enunciação. Por outro lado, o resultado dessas operações alimenta o componente conceitual por meio do componente contextual. Os níveis gramatical e articulatório alimentam o componente contextual, criando portanto, possíveis antecedentes no nível representacional. Mas o nível interpessoal também recorre ao componente contextual no que diz respeito à presença de dêixis.

É importante ressaltar ainda que o modelo da GFD introduz um número de camadas adicionais e, como resultado, cria um número de *slots* potenciais adicionais para operadores e modificadores, satélites na GF. Segundo Hengeveld (*apud* Mackenzie e Gómez-González 2004, p.372), há duas áreas em que os *slots* adicionais parecem ser particularmente úteis: (i) a distinção entre conteúdo comunicado (C) e proposicional (p), que resulta de uma sobreposição de camadas de baixo para cima (*upward*) no nível representacional, oferece novas oportunidades para

explicar as modalidades orientadas ou não para o falante; (ii) a introdução dos atos referenciais (R) na camada inferior à do nível interpessoal fornece uma nova perspectiva sobre a estrutura em camada dos sintagmas nominais.

A figura a seguir esquematiza os níveis e os componentes apresentados na Teoria da Gramática Funcional do Discurso:

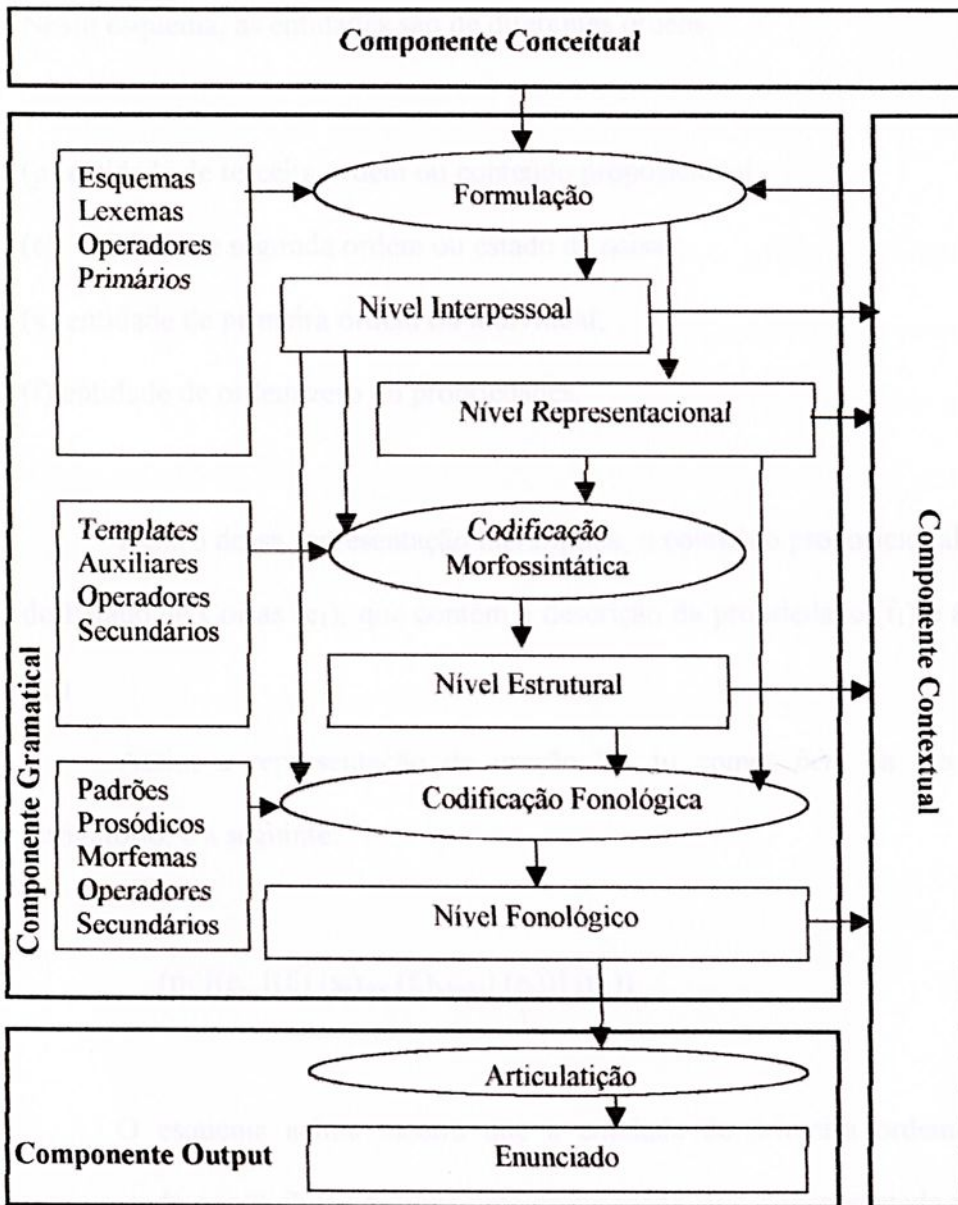


Figura 5: Organização geral da GFD (MACKENZIE; GÓMEZ-GONZÁLEZ, 2004, p. 371)

Por tratarmos de constituintes de predicado, nosso nível de análise é o representacional, cuja estrutura hierárquica, conforme já observado, é assim representada:

$$(p_1: [(e_1: [(f_1) (x_1)] (e_1))] (p_1))$$

Nesse esquema, as entidades são de diferentes ordens:

(p) entidade de terceira ordem ou conteúdo proposicional;

(e): entidade de segunda ordem ou estado de coisas;

(x) entidade de primeira ordem ou individual;

(f) entidade de ordem zero ou propriedades.

Dentro dessa representação hierárquica, o conteúdo proposicional (p_1) contém a descrição do Estado de Coisas (e_1), que contém a descrição da propriedade (f_1) e a descrição de individual (x_1).

Assim a representação da oração “... tu comes *bem* na tua casa”, em que *bem* é obrigatório, é a seguinte:

$$(p_1: [(e_1: [(f_i) (x_i)_{Ag} (f_j)_{Modo}] (e_i))] (p_1))$$

O esquema acima mostra que a entidade de primeira ordem (x) é do tipo Agente, representada por “tu”; (f_i) designa uma propriedade, que é representada pelo verbo “comer” e (f_j) designa outra propriedade representada pelo advérbio “bem”.

Já a representação da oração “as comidas de Fortaleza nós comemos também muito *bem*”, em que *bem* é opcional, é como segue:

$$(p_1: [(e_i: [(f_i) (x_i)_{Ag} (x_j)_{Pat}] (\sigma_1) (e_i))] (p_1))$$

em que (e_i) representa o EsCo que contém o predicado (f_i) , representado por “comer”, um indivíduo Agente (x_i) , representado por “nós”, um indivíduo Paciente (x_j) representado por “comidas de Fortaleza” e um satélite (σ) representado por “bem”.

Como ficou claro, esses advérbios, quando obrigatórios, constituem propriedades que se aplicam a um predicado, e como tal, apresentam peculiaridades que passamos a descrever.

A propriedade Modo, expressa por meio dos advérbios *bem* e *mal*, ocorre apenas em estruturas intransitivas com padrão SV, como demonstra (57), pois quando ocorre em estrutura transitiva com padrão SVO, como (58), o advérbio *bem* constitui um satélite de Modo.

- (57) ... em Salvador tem assim restaurantes muito bons... eles estão incrementando muito o turismo *lá eles servem muito bem*...sabe?

(DID-RJ-328:188)

- (58) ...então nós comemos muito xinxim-de-galinha... bobó-de-camarão... acarajé... eu adorei o tal do acarajé ... porque quando serviam aqui uima vez... eu vi e não gostei... sabe... mas de/ feito por uma baiana... eles lá indicaram... ah... vai na fulana que *a fulana serve muito bem o acarajé*... nós fomos...

(DID-RJ-328:174)

Em (57), o predicado composto *servir (muito) bem* significa “dar um bom atendimento ao cliente”. Já em (58), significa que o EsCo “a fulana serve o acarajé” é efetuado de um modo positivo, ou seja, o advérbio *bem* indica a maneira pela qual a Ação “servir o acarajé” é efetuada.

Como propriedade, Modo se posiciona à direita de seu predicado, como em (59), podendo ser antecipado por um intensificador, como em (60).

(59) ... Doc.: Vocês acham que o brasileiro se alimenta bem em geral?

Inf.: depende que área, brasileiro norte ou brasileiro do sul? Por exemplo, que o eu acho que *tu comes bem na tua casa*... (D2-POA-291:3)

(60) na minha casa, por exemplo, se come verdura, eu como, minha mulher não come, meus filhos adora, principalmente o guri, agora, *o brasileiro em princípio, eu acho que come muito mal*,... (D2-POA-291:15)

É interessante observar que, como propriedade, Modo tem posição fixa, não se colocando em nenhuma outra posição, como se verifica em (59') e (60'):

(59') ? tu **bem** comes na tua casa

(60') ? agora o brasileiro em princípio eu acho que muito **mal** come.

Já como satélite, Modo pode posicionar-se mais distante do predicado, como se observa em (61) e (61'):

(61) ...*as comidas de Fortaleza nós comemos também muito bem* eram comidas assim... (DID-RJ-328:207)

(61') ... nós comemos também as comidas de Fortaleza muito **bem** eram comidas assim.....



É necessário ressaltar, no entanto, que ambos (propriedade e satélite) modificam sempre EsCo com traço [+din.],⁶ jamais ocorrendo em EsCo [-din].

Em resumo, os resultados deste estudo apontam para uma distinção muito clara entre dois constituintes tradicionalmente considerados idênticos: satélite Modo e propriedade Modo, ambos representados pelos advérbios *bem* e *mal*. Essa distinção é claramente capturada pelo esquema do nível representacional, conforme proposto pela GFD:

$$p: (e_i: [(f_i) (x_i)_{Ag} (x_j)_{Pat}] (\sigma_1) (e_i)) (p_1))$$

$$p: (e_i: [(f_i) (x_i)_{Ag} (f_j)_{Modo}] (e_i)) (p_1))$$

No capítulo a seguir serão examinadas as propriedades prosódicas desses dois tipos de construção.

⁶ Relembramos que um EsCo + dinâmico ([+din]) ou Evento é aquele que envolve necessariamente algum tipo de mudança, algum dinamismo interno. Ex: *João abriu a porta*. Já um EsCo [-din] ou Situação é aquele que não envolve qualquer mudança, isto é, as entidades envolvidas são apresentadas como estando ou permanecendo as mesmas durante o tempo que dura o EsCo. Ex: *João estava sentado na cadeira de seu pai*.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE PROSÓDICA DOS ADVERBIAIS DE PREDICADO

Como visto no capítulo anterior, detectamos dois tipos de constituintes de predicado, os opcionais (satélites) e os obrigatórios (propriedades). Observamos que os constituintes obrigatórios são somente os adverbiais *bem* e *mal*, pois são os únicos que, quando retirados, alteram a gramaticalidade da sentença e a integridade do EsCo, como se pode observar em (1) e em (2):

(1) ... ninguém queria saber de dançar... um ou OUTro lá ficaram se sacuDINDo assim:: e:: mais é na conversa... né?... mas *correu tudo bem*...

(DID-POA-45:92)

(2) ... na minha casa por exemplo, se come verdura, eu como, minha mulher não come, meus filhos adoram, principalmente o guri, agora *o brasileiro, em princípio eu acho que come muito mal, acho que come muito mal*,... (D2-POA-291:15)

Nota-se que, quando os adverbiais são retirados da oração, a integridade do EsCo se altera, pois a sentença torna-se praticamente agramatical, como observamos em (1') ou ainda apresenta um sentido completamente diferente do pretendido pelo falante, como em (2'):

(1') ... ninguém queria saber de dançar... um ou OUTro lá ficaram se sacuDINDo assim:: e:: mais é na conversa... né?... mas *correu tudo Ø*.

(DID-POA-45:92)

- (2') ... na minha casa por exemplo, se come verdura, eu como, minha mulher não come, meus filhos adoram, principalmente o guri, agora o brasileiro, em princípio eu acho que come muito Ø, acho que come muito Ø ... (D2-POA-291:15)

Em (1'), a expressão “acho que correu tudo Ø” é agramatical na língua portuguesa. Em (2'), quando o constituinte de predicado é retirado, “agora o brasileiro, em princípio eu acho que come muito Ø”, nota-se claramente que o sentido inicial da oração muda completamente: passa de “não ter uma alimentação saudável, com verduras e frutas” para “ingerir uma grande quantidade de comida”.

Vimos, entretanto, que nem todos os constituintes *bem* e *mal* são propriedades, isto é, são considerados essenciais à oração, pois há ocorrências em que a retirada desses adverbiais não altera a integridade do EsCo e tampouco a gramaticalidade da sentença, tal como (3):

- (3) ... ele (o aluno) coloca como última a aplicação mas isso aí seria, seria ocasião para um outro estudo mas, *a colocação que a Maria Lúcia faz e ela faz muito bem...*
(EF-POA-378:185)

Notamos que a oração, na verdade, é: “Maria Lúcia *faz muito bem* a colocação” e, caso o adverbial *bem* fosse retirado, a oração seria: “Maria Lúcia *faz* Ø a colocação”, isto é, a integridade do EsCo não se altera.

Concluimos também que, quando os adverbiais *bem* e *mal* são constituintes obrigatórios, ocorrem em padrão SV e, portanto, com verbos de valência única, isto é, que pedem somente um argumento. Já os satélites ocorrem em padrão SVO e, portanto, com verbos de duas valências (que pedem dois argumentos), tal como (3), em que o predicado *faz* exige os argumentos *Maria Lúcia* e *a colocação*.

Com o objetivo de verificar se essa diferença semântico-sintática se refletiria na prosódia, analisamos prosodicamente ocorrências exemplares dos dois tipos de constituintes observados no corpus. Essa análise prosódica tem por finalidade responder às seguintes questões: haveria diferenças entre o contorno prosódico de satélite e o contorno prosódico de propriedade? Quais seriam essas diferenças? Seriam suficientes para serem percebidas na fala espontânea?

Para o estudo prosódico de nossas ocorrências, adotamos os conceitos e definições de Cagliari (1981), pois, além de trabalhar com a fonologia do português, seus princípios estão fundamentados em princípios de base funcionalista, principalmente Halliday (1978).

Conforme Cagliari (1992, p.139), de todos os elementos supra-segmentais (tom, entoação, tessitura, duração, mora, tempo, acento, ritmo, tesis/árisis, volume, registro e qualidade de voz), a entoação é o que está mais intimamente ligado a fatos sintáticos, pois

“As variações da fala devem ser encaradas como medidas relativas de variação do fundamental do som e não em termos absolutos. Para a descrição lingüística, não há a necessidade de se marcar *todo* tipo de variação melódica que se ouve na fala. O importante é sempre marcar as variações que se relacionam de um modo ou de outro com funções gramaticais ou com manifestações semânticas da língua” (CAGLIARI, 1981, p.160)

Essa afirmação nos permite analisar um único elemento da prosódia: a entoação, deixando os outros elementos para pesquisas mais aprofundadas sobre essa questão, que podem ser realizadas em outras oportunidades.

Para Cagliari (1981) as variações melódicas podem ser:

- (i) **Simples:** com um contorno descendente (D), ascendente (A) e nivelado (N) ou suspensivo;



- (ii) **Complexas**: com movimentos combinados dos três tipos de contornos: descendente, ascendente e nivelado.

Para analisar as variações melódicas de nossas ocorrências e verificar se há diferença ou não entre os dois tipos de constituintes, utilizamos o *Praat*, um programa de análise acústica.

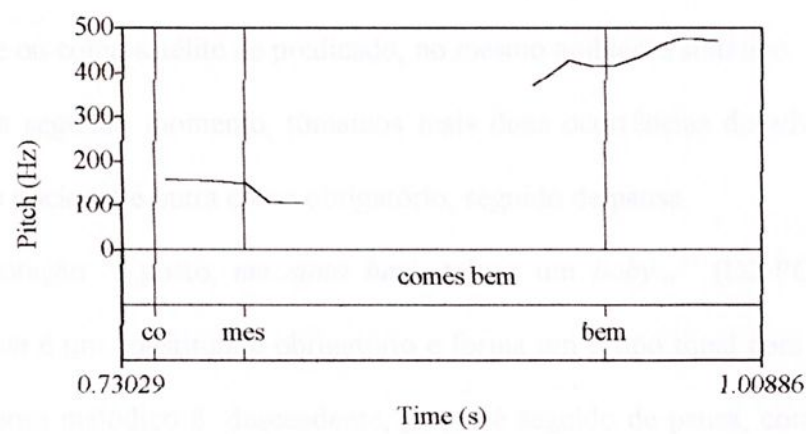
O programa *Praat* (www.praat.org) foi desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, do Instituto de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdam, com o objetivo de analisar minuciosamente os elementos da fonética. O *Praat* é programável com *scripts* que permitem torná-lo adequado às mais variadas pesquisas na área de Ciências da Fala.

Como visto anteriormente, os constituintes do tipo *bem* e *mal* que representam propriedade de predicado ocorrem sempre com padrão de ordenação SV, com verbos de um lugar. Já como satélites, esses advérbios ocorrem em padrão SVO, com verbos de valência dois.

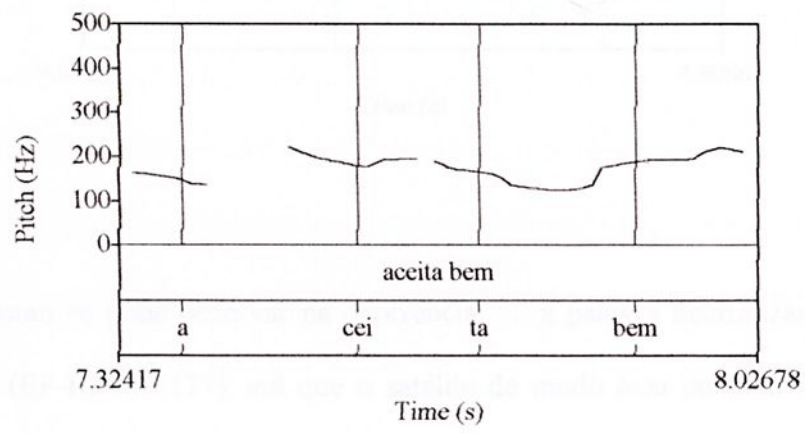
Analisamos, portanto, as variações melódicas de ocorrências com os advérbios *bem* e *mal* nas duas funções, de propriedade e de satélite, para verificar se a diferença semântico-sintática corresponde diferença melódica.

Para isso, tomamos, primeiramente, duas ocorrências em que o advérbio *bem* se manifesta como propriedade e como satélite no mesmo ambiente sintático, ou seja, o conjunto “predicado+bem/mal” é seguido de outro constituinte informacionalmente relevante.

A análise prosódica da oração “Tu *comes bem* na tua casa” (D2-POA-291:3), em que *bem* é essencial para a gramaticalidade da oração, mostra que o predicado *comes* e o advérbio *bem* compõem um único grupo tonal, com contorno entoacional suspensivo. Além disso, após esse grupo tonal, não há nenhum tipo de pausa, o que exigiria um contorno decrescente, mas, como há um outro grupo tonal formado pelo satélite locativo (*na tua casa*) relevante do ponto de vista comunicativo, prevalece o contorno suspensivo, como se pode observar no gráfico a seguir.



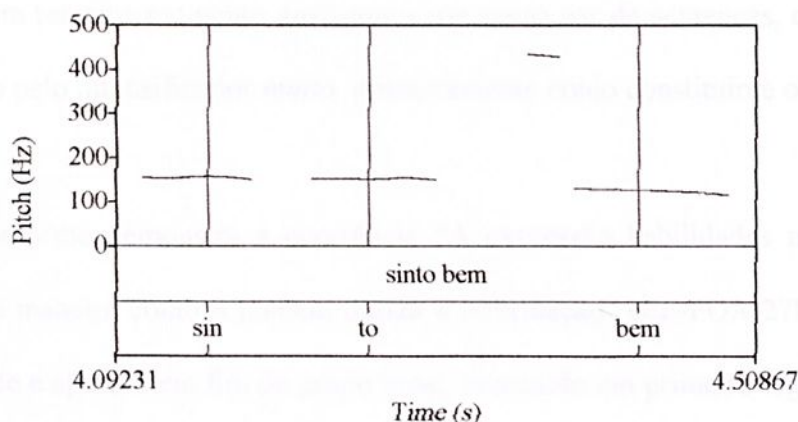
Já na ocorrência “O público parece que *aceita bem* os jornais” (DID-SP-234:607), em que o advérbio *bem* constitui um satélite, observamos a mesma estrutura sintática e prosódica do exemplo anterior, pois o predicado *aceita* e o advérbio *bem* constituem um único grupo tonal com contorno suspensivo, seguido do complemento verbal *os jornais*. Este contorno pode ser observado no gráfico a seguir:



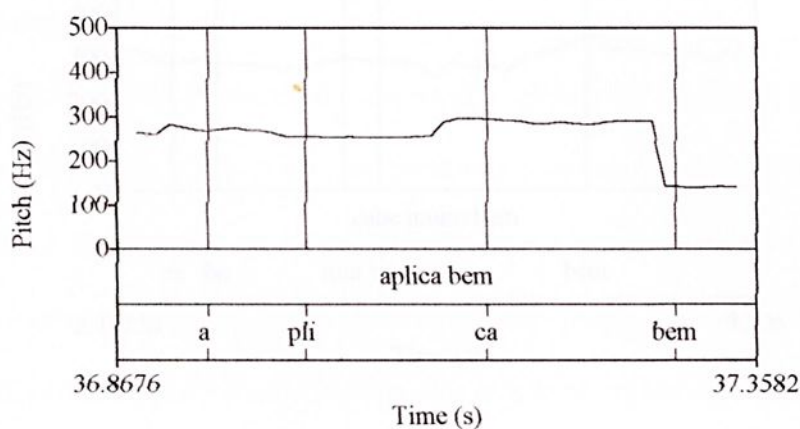
Como se pode observar, não há diferença prosódica na realização de *bem* como propriedade ou como satélite de predicado, no mesmo ambiente sintático.

Num segundo momento, tomamos mais duas ocorrências do advérbio *bem*, uma como constituinte opcional e outra como obrigatório, seguido de pausa.

Na oração “...gosto, *me sinto bem*, talvez um *hoby*...” (D2-POA-291:80), em que o advérbio *bem* é um constituinte obrigatório e forma um grupo tonal com o predicado e o clítico *me*, o contorno melódico é descendente, já que é seguido de pausa, como se pode observar no gráfico a seguir:



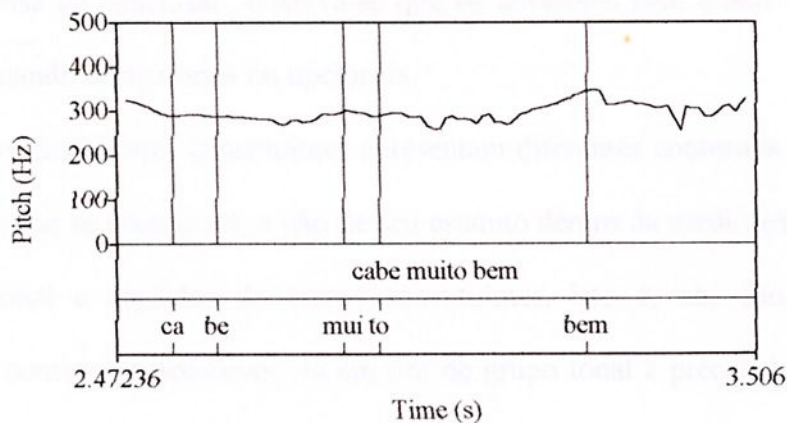
O mesmo se pode observar na ocorrência “... a palavra neutralizar não sei se se *aplica bem*, mas...” (EF-RJ-379:177), em que o satélite de modo *bem* também finaliza o grupo tonal *se aplica bem* e a esse grupo segue uma pausa, conforme demonstra o gráfico:



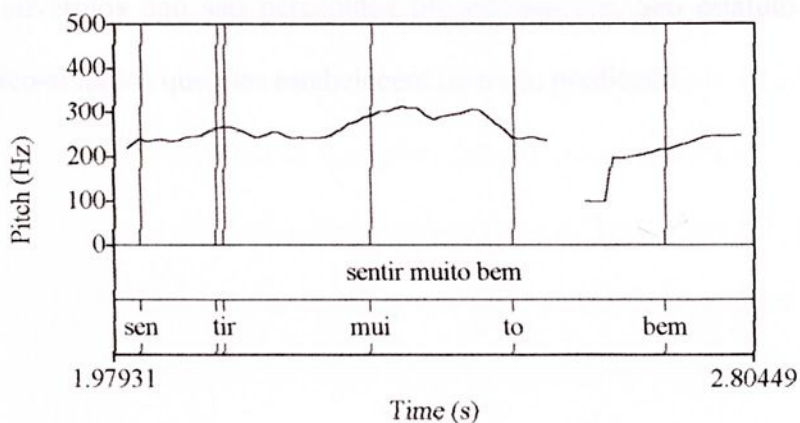
Pode-se dizer que a semelhança de contorno descendente entre esses dois tipos de constituintes antecidos por pausa não é consequência do estatuto dos constituintes: se são obrigatórios ou opcionais, mas sim da estrutura sintática em que esses termos se encontram.

Num terceiro momento analisamos um outro par de sentenças, contendo o advérbio *bem* antecedido pelo intensificador *muito*, primeiramente como constituinte obrigatório e depois como opcional.

Conforme demonstra a ocorrência “A expressão habilidades mentais *cabe muito bem* porque é a maneira como o homem utiliza a informação” (EF-POA-278:82), *bem* constitui uma propriedade e aparece em fim de grupo tonal, precedido em primeiro lugar pelo predicado *cabe* e seguido pelo intensificador *muito*. O intensificador constitui a informação mais importante, mais saliente prosodicamente, apresentando contorno ascendente e, portanto, *bem* apresenta contorno descendente, já que está posposto ao intensificador, conforme se observa no gráfico a seguir.



A ocorrência "...não dá pra assim pra você *sentir muito bem* os costumes daquela região"... (DID-RJ-328:364) em que *bem* constitui um satélite, apresenta o mesmo contorno ascendente em *muito* e descendente em *bem*.



A semelhança de contorno entoacional descendente entre constituintes obrigatórios e opcionais precedidos pelo intensificador *muito* pode ser explicada pelo fato de que a informação prosódica e sintaticamente relevante nesses contextos é o próprio intensificador *muito*, o que faz com que o contorno seja ascendente em *muito* e descendente no advérbio.

À guisa de conclusão, observa-se que os advérbios *bem* e *mal* não são prosodicamente diferentes quando obrigatórios ou opcionais.

Na verdade, esses constituintes apresentam diferentes contornos a depender do ambiente sintático em que se encontram, e não de seu estatuto dentro da predicação. Quando estão em fim de grupo tonal e seguidos de outros constituintes, isto é, não são precedidos por pausa, apresentam contorno suspensivo. Já em fim de grupo tonal e precedidos por pausa apresentam contorno descendente, o que é característico das estruturas finalizadas por pausas.

O contorno descendente também é encontrado em contextos em que esses advérbios são precedidos pelo intensificador “muito”, o que se explica pelo fato de que, nesses casos, a informação prosodicamente mais relevante é o intensificador e os constituintes de predicado aparecem sempre nos finais dos sintagmas fonológicos a que pertencem.

Esses resultados mostram claramente que o estatuto de opcionalidade ou obrigatoriedade desses advérbios não são percebidos prosodicamente. Seu estatuto deve-se somente à relação semântico-sintática que eles estabelecem com seu predicado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como primeiro objetivo descrever, sob a perspectiva da Teoria da Gramática Funcional, os constituintes oracionais denominados “adjuntos adverbiais” pela Gramática Tradicional. Na Gramática Funcional esses constituintes são considerados “satélites”, meios lexicais opcionais que veiculam informação adicional a uma das camadas do modelo hierárquico da oração, já que, conforme visto, essa teoria propõe para a oração uma estrutura subjacente em camadas. Analisamos, dessa forma, os satélites de predicado ou de nível 1, meios lexicais que especificam propriedades adicionais do conjunto de estado de coisas.

Os resultados de análise mostram a ocorrência de todos os tipos de satélite de nível 1 descritos por Dik *et al* (1990). Como vimos, em classificações posteriores (DIK, 1997a) o satélite Causa interna é descartado, por isso adotamos a classificação de Dik *et al* (1990).

O satélite Modo predomina em posição imediatamente pós-verbal, podendo aparecer na forma de advérbio ou de sintagma. Geralmente ocorre na forma de advérbio quando antecede um objeto complexo e, na forma de sintagma, quando em posição final.

O satélite Beneficiário apresenta uma característica especial: é o único que pode aparecer em forma de pronome oblíquo átono, ou seja, como clítico. Além da forma pronominal, esse satélite ocorre como sintagma preposicional (*para ele, para você*) e em posição final. Isso é indicio de que a posição natural de Beneficiário é a final. Pode ocupar, entretanto, outra posição, anterior ao predicado, quando exerce a função pragmática de Foco Contrastivo.

O satélite Instrumento predomina também em posição final da oração, o que indica que esta é a posição natural desse constituinte. Há, entretanto, o preenchimento de outras posições, que não a final, quando Instrumento exerce algum tipo de função pragmática: ocupa a posição

pós-verbal quando exerce a função de Foco Novo ou Completivo; por outro lado, vai para a posição inicial quando exerce a função pragmática de Foco Contrastivo.

O satélite Qualidade também apresenta uma característica singular com relação aos outros satélites: não apresenta uma posição preferida, pois aparece sempre acompanhando o constituinte que modifica.

As demais funções semânticas, Companhia, Percurso, Causa interna, Direção, Velocidade e Origem, não apresentam peculiaridades e podem ser igualmente caracterizadas: preferem a posição final da oração, podendo, no entanto, alocarem-se em outras posições, obedecendo ao Princípio de Ordenação Icônica ou ao Princípio de Complexidade Crescente, quando precedem constituintes mais complexos.

As funções Instrumento, Modo e Velocidade são as únicas que apresentam satélites em forma adverbial. Instrumento e Modo apresentam ocorrências tanto em forma de advérbio quanto em forma de sintagma; já Velocidade apresenta-se somente em forma de advérbio.

Podemos concluir, portanto, que a posição natural dos satélites de predicado no português falado é a posição final. Esses constituintes podem, no entanto, ocupar outras posições que não a final quando exercem a função pragmática de Foco Novo ou Completivo, ou seja, quando há inserção de uma informação considerada nova na comunicação. Ocupam ainda a posição inicial da oração quando exercem a função pragmática de Foco Contrastivo, isto é, quando há contraste entre a informação ressaltada na interlocução e outra informação pressuposta.

Salientamos que algumas funções semânticas, tais como Instrumento, Velocidade, Qualidade, Causa interna entre outras não chegam a ser mencionadas pelos gramáticos. São, não obstante, descritas aqui em detalhes que julgamos serem relevantes para uma descrição mais detalhada dos adverbiais. Consideramos, pois, cumprido nosso primeiro objetivo.



O segundo objetivo era investigar o estatuto de opcionalidade/obligatoriedade de alguns constituintes inicialmente considerados “satélites”, tendo como hipótese que alguns deles apresentavam-se como constituintes obrigatórios.

Nossos resultados apontam para um comportamento diferente relativo aos advérbios *bem* e *mal*.

Os adverbiais *bem* e *mal* são considerados pelos gramáticos como advérbios de modo. Já Ilari *et al* (1990) os consideram como predicativos qualitativos, pois o paralelismo de construções como *comer bem* com a que se compõe de substantivo mais adjetivo indicando qualidade (*comida boa*) é evidente.

Nossa análise revela que os advérbios *bem* e *mal* servem a dois propósitos, ou seja, em algumas ocorrências apresentam estatuto de obligatoriedade, pois sua retirada afeta a gramaticalidade da oração e, conseqüentemente a integridade do EsCo, conforme exemplifica (1):

(1) *tu comes bem na tua casa...* (D2-POA-291:3)

Por outro lado, há casos em que a subtração deles não afeta a integridade do EsCo, tal como mostra o exemplo (2) e sua paráfrase em (2') a seguir:

(2) *as comidas de Fortaleza nós comemos também muito bem* eram comidas assim...
(DID-RJ-328:207)

(2') *as comidas de Fortaleza nós comemos também* eram comidas assim...

Assim, nossa hipótese de que há constituintes de predicados que são obrigatórios à estrutura subjacente de oração se confirma.



A Teoria da Gramática Funcional, como vimos, não trata dos constituintes adverbiais com estatuto de obrigatoriedade, isto é, não reserva um “slot” para este tipo de constituinte dentro da predicação. No entanto, sua versão mais recente, a Teoria da Gramática Funcional do Discurso, proposta por Hengeveld (2004), apresenta uma resposta satisfatória a essa questão, já que introduz um número de camadas adicionais e, como resultado, cria um número de *slots* potenciais adicionais para operadores e modificadores.

Conforme visto, nosso nível de análise, por abordarmos os constituintes de predicado, é o representacional, cuja estrutura hierárquica, conforme já observado, é assim representada:

$$(p_1: [(e_1: [(f_1) (x_1)]) (e_1)]) (p_1))$$

Dentro dessa representação hierárquica, o conteúdo proposicional (p_1) contém a descrição do Estado de Coisas (e_1), que contém a descrição da propriedade (f_1) e a descrição de individual (x_1).

Assim a representação da oração “... tu comes *bem* na tua casa”, em que *bem* é obrigatório, é a seguinte:

$$(p_1: [(e_i: [(f_i) (x_i)_{Ag} (f_j)_{Modo}] (e_i))] (p_1))$$

Já a representação da oração “as comidas de Fortaleza nós comemos também muito *bem*”, em que *bem* é opcional, é como segue:

$$(p_1: [(e_i: [(f_i) (x_i)_{Ag} (x_j)_{Pat}] (\sigma_1) (e_i))] (p_1))$$

Por meio dessas representações pudemos constatar que os advérbios *bem* e *mal*, quando obrigatórios, constituem propriedades que se aplicam a um predicado.

Constatamos, dessa forma, que a propriedade Modo, expressa por meio dos advérbios *bem* e *mal*, ocorre apenas em estruturas intransitivas com padrão SV, conforme notamos em (1), por exemplo, pois quando ocorre em estrutura transitiva com padrão SVO, o advérbio *bem* constitui um satélite de Modo, tal como ocorrem em (2).

Nosso terceiro objetivo era verificar se a essa diferença semântico-sintática corresponderia uma diferença prosódica.

Verificamos, por meio de um programa de análise acústica, o *Praat*, que o estatuto de opcionalidade/obrigatoriedade dos adverbais *bem* e *mal* não são prosodicamente diferentes, uma vez que não refletem diferença alguma na fala espontânea.

Verificamos, entretanto, diferenças no contorno prosódico a depender do ambiente sintático em que se encontram esses constituintes: (i) em fim de grupo tonal seguidos por outros constituintes; (ii) em fim de grupo tonal seguidos por pausa; (iii) precedidos pelo intensificador “muito”.

No primeiro ambiente, quando os adverbais estão em fim de grupo tonal e são seguidos por outros constituintes, apresentam contorno suspensivo. Já no segundo e no terceiro caso, quando estão em fim de grupo tonal e são precedidos por pausa e quando são precedidos por “muito”, apresentam contorno descendente.

Podemos concluir, dessa forma, que a variação do contorno entoacional não depende do estatuto de opcionalidade ou obligatoriedade dos adverbais, mais sim do ambiente sintático em que eles se encontram.

Embora tenhamos consciência da necessidade de estudos mais detalhados acerca dos adverbais da língua portuguesa, esperamos que o nosso trabalho tenha contribuído para uma

descrição mais adequada dos adverbiais de predicado. Além disso, julgamos válido esse estudo no que diz respeito ao estatuto dos adverbiais *bem* e *mal*, uma vez que eram até então muito rudemente classificados como advérbios de Modo ou como adverbiais de predicado qualitativo, esperando, humildemente, haver contribuído também um pouco com a Gramática Funcional do Discurso.

BRUNO, J. Language change and negation: the theory of Functional Grammar. In: Fisi, Working Papers in Functional Grammar, n. 6, Amsterdam, November, 1988.

BRUNO, J. Gramática funcional da língua portuguesa. Lisboa: Tipografia da Associação dos Sociólogos, 1981.

BUCHARD, P. *Verbos gramaticais portugueses*. Tese de Doutoramento, 1992.

BURRILL, P. *A Gramática funcional da língua portuguesa*. São Paulo: Anua, 1993.

CAGLIARI, L. C. O sistema nominal de Português Brasileiro. In: *Gramática de Português do Brasil*. Tese de Licenciatura. Campinas: UNICAMP, p. 15-18, 1981.

_____. *Próclisis e formas simples dos verbos portugueses*. *Coloquios de Estudos Linguísticos*, n. 23, p. 137-151, 1992.

_____. Da importância da próclise na descrição do verbo gramatical. In: ELAKI, R. (org.) *Linguística do Português Falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FEAPUSP, 1992, p. 40-44.

CHICOLO, G. R. *Os constituintes estruturais de nível 1 e 2 em português inicial da infância*. 2002. 70f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e suas aplicações) - An. Pós Graduação, Unesp, Campus de São José do Rio Preto.

CUNHA, C., CINTRA, L. *Novos gramaticais da português contemporânea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CRUTTENDEN, A. The terms of information. In: CRUTTENDEN, A. *Intentional*. Cambridge: CUP, 1986, p. 35-47.

_____. 1992, p. 25.

_____. 1992, p. 25.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSTEY, M. P. Layers and Operators Revisited. *Working Papers in Functional Grammar*. n 77, 2002.

BAKKER, D. Language change: some implications for the theory of Functional Grammar. *WPPFG – Working Papers in Functional Grammar*. n 66. Amsterdam. November, 1998.

BARBOSA, J. S. *Gramática philosophica da lingua portuguesa*. Lisboa: Typografia da Academia real das Sciencias, 1881.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BORBA, F. S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

CAGLIARI, L. C. O sistema entonacional do Português Brasileiro. In: *Elementos de fonética do Português Brasileiro*. Tese de Livre-docência. Campinas: Unicamp, p.155-181, 1981.

_____. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. n 23, p.137-151, 1992.

_____. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, R. (org.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1992, p. 40-64.

CUCOLO, G. R. *Os constituintes adverbiais de nível 1 e 2 em posição inicial da oração*. 2002, 70f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos – Área de concentração: Análise lingüística). Unesp. Câmpus de São José do Rio Preto.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CRUTTENDEN, A. The forms of intonation. In: CRUTTENDEN, A. *Intonation*. Cambridge: CUP, 1986. p. 35-47.

DELANCEY, S. An interpretation of split ergativity and related patterns. *Language*. v.57, n.3, p.626-57, 1981.

DIK, S. C. *Functional Grammar*. Dordrecht/Cinnaminson: Foris Publications, p. 127-156, 1980.

_____. *The Theory of Functional Grammar*. Pt I: The structure of the clause. Dordrecht-Holland/Providence RI-USA, 1989.

_____. *The Theory of Functional Grammar*. Pt I: The structure of the clause. New York: Mouton, 1997a.

_____. *The Theory of Functional Grammar*. Pt II: Complex and derived constructions. New York: Mouton, 1997b.

DIK, S. C., HENGEVELD, K. The hierarchical structure of the clause and the typology of perception verb complements. *Working Papers in Functional Grammar*. n 37, 1990.

_____. *et al.* The hierarchical of the clause and the typology of adverbial satellites. In: NUYTS, J., BOLKESTEIN, A. M.; VET, C. (eds.) *Layers and levels of representation in language theory: a functional view*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, p.25-70, 1990.

GARCIA, T. S. *A ordem dos satélites de nível 1 no português brasileiro falado*. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica. PIBIC/UNESP/CNPq, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, M. (Org.) *Fundamentos metodológicos da lingüística*. v.1. São Paulo: Global, 1978, p.125-161.

HENGEVELD, K. Layers and operators in Functional Grammar. *Journal of Linguistics*. 25 (1), p.127-157, 1989.

_____. Semantic relation in non-verbal predication. In: NUYTS, J. B.; VET, C. *Layers and levels of representation in language theory- a funcional view*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1990, p.101-122.

_____. Adverbs in Functional Grammar. In: LANG, P. (ed) *Toward a Functional Lexicology*. Frankfurt: Gerd Wotjak, 1997, p.121-136.



_____. The Architecture of a Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (eds.) *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004 a, p. 1-21.

_____. Epilogue. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (eds.) *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004b, p.363-378.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. The representational level. Preliminary version. 2004.

ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. *Gramática do português falado*. Vol. I: A ordem. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1990, p. 63-141.

KROON, C. Discourse markers, discourse structure and Functional Grammar. In: CONOLLY, H. J., VISMANS, R. M., BUTLER, C. S., GATWARD, R. A. (Eds.). *Discourse and Pragmatics in Functional Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1985.

LADD, R. Introduction to Intonational Phonology. In: *Intonational Phonology*. Cambridge CUP, 1996, p.6-41.

LEVELT, W. J. M. *Speaking: From Intention to Articulation*. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.

LIMA, L. H. da R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 27 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977

MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfo-sintática do português*. v. 2. Fortaleza: imprensa Universitária da UFC, 1970.

MACKENZIE, J. L. Adverbs and adpositions: the Cinderella Categories of Functional Grammar. *Revista Canária de Estudos Ingleses*, v. 42, Tenerife (Spain), 2001, p. 119-135.



MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (eds.). *A New Architecture for Functional Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Pontes, 2001.

_____. Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa*. São Paulo: Editora Unesp, v. 38, 1994, p. 109-128.

NOGUEIRA, M. G. *A ordenação dos advérbios em –Mente no português falado do Brasil sob a perspectiva da Gramática Funcional*. 2004, 135f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos – Área de concentração: Análise linguística). Unesp. Câmpus de São José do Rio Preto.

PEZATTI, E. G. *A ordem de palavras em português: aspectos tipológicos e funcionais*. 1992. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa – Área de concentração). Unesp. Araraquara.

_____. A ordem dos constituintes da oração na estruturação do discurso. *Confluência*. Assis: HVF Arte & Cultura, 1995, p. 43-54.

_____. Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre Tema, Tópico e Foco. *Alfa*. São Paulo: Editora Unesp, v. 42, 1998, pp. 133-150.

_____. O funcionalismo em Linguística. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

_____; CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais da ordem de constituintes. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 13, n. 2, 1997, p. 191-214.

SOUZA, E. R. F. *Os advérbios focalizadores no português falado do Brasil: uma abordagem funcionalista*. 2004, 175f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos – Área de concentração: Análise linguística). Unesp. Câmpus de São José do Rio Preto.



Autorizo a reprodução deste trabalho

São José do Rio Preto, 17 de fevereiro de 2006.

TALITA STORTI GARCIA



